ALBERTO DE OLIVEIRA

POESIAS

QUARTA SERIE

(1912 - 1925)

2.a EDIÇÃO

ODE CIVICA — ALMA E CÉO
CHEIRO DE FLOR — RUINAS QUE
FALAM — CAMARA ARDENTE — RAMO
DE ARVORE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE
1928

POESIAS

ALBERTO DE OLIVEIRA

POESIAS

QUARTA SERIE

(1912 - 1925)

2ª EDIÇÃO

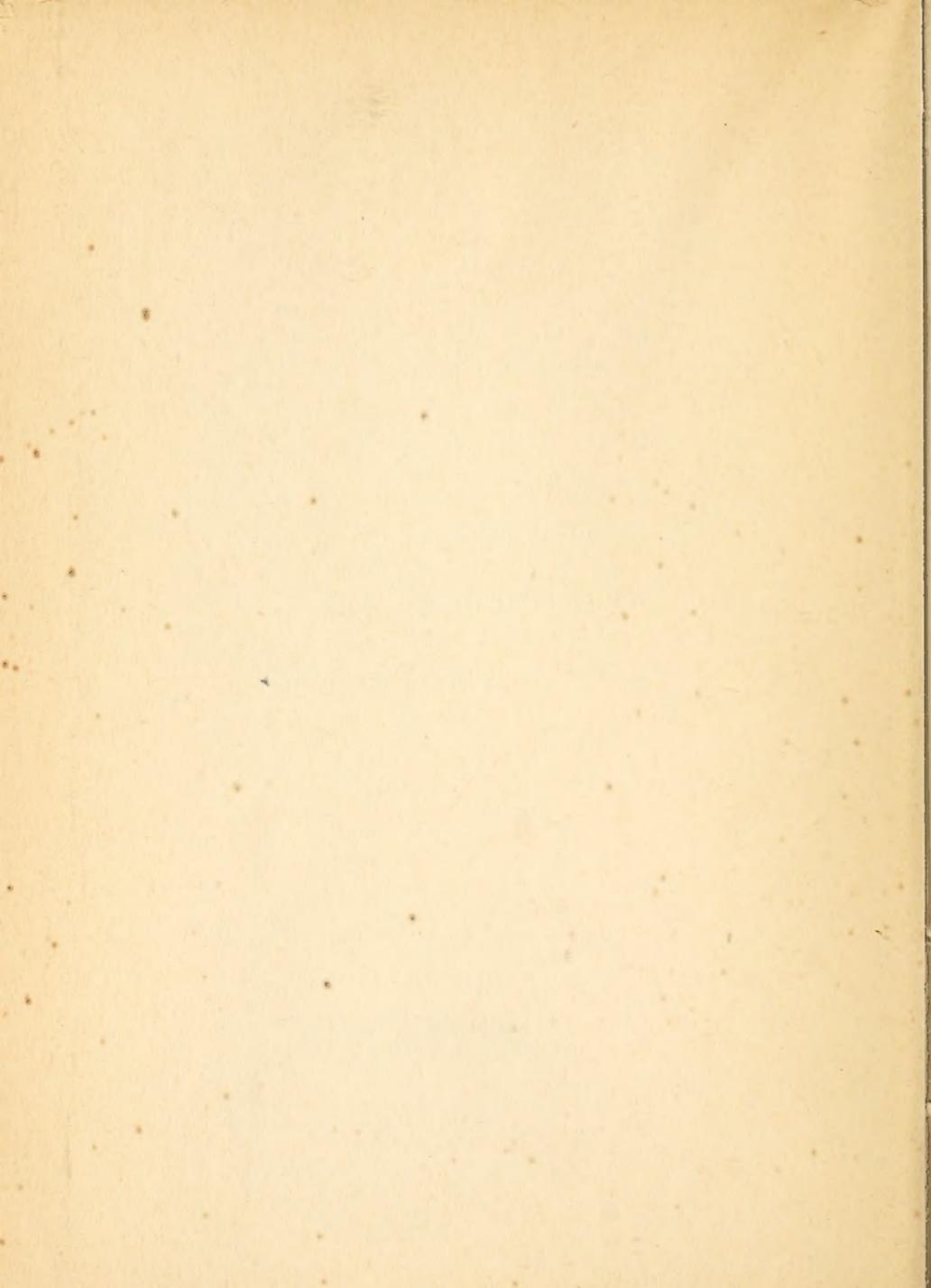
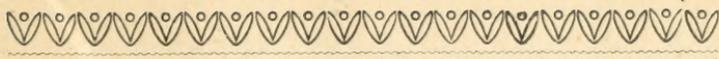
ODE CIVICA — ALMA E CÉO
CHEIRO DE FLOR — RUINAS QUE
FALAM — CAMARA ARDENTE — RAMO
DE ARVORE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE
1928

A

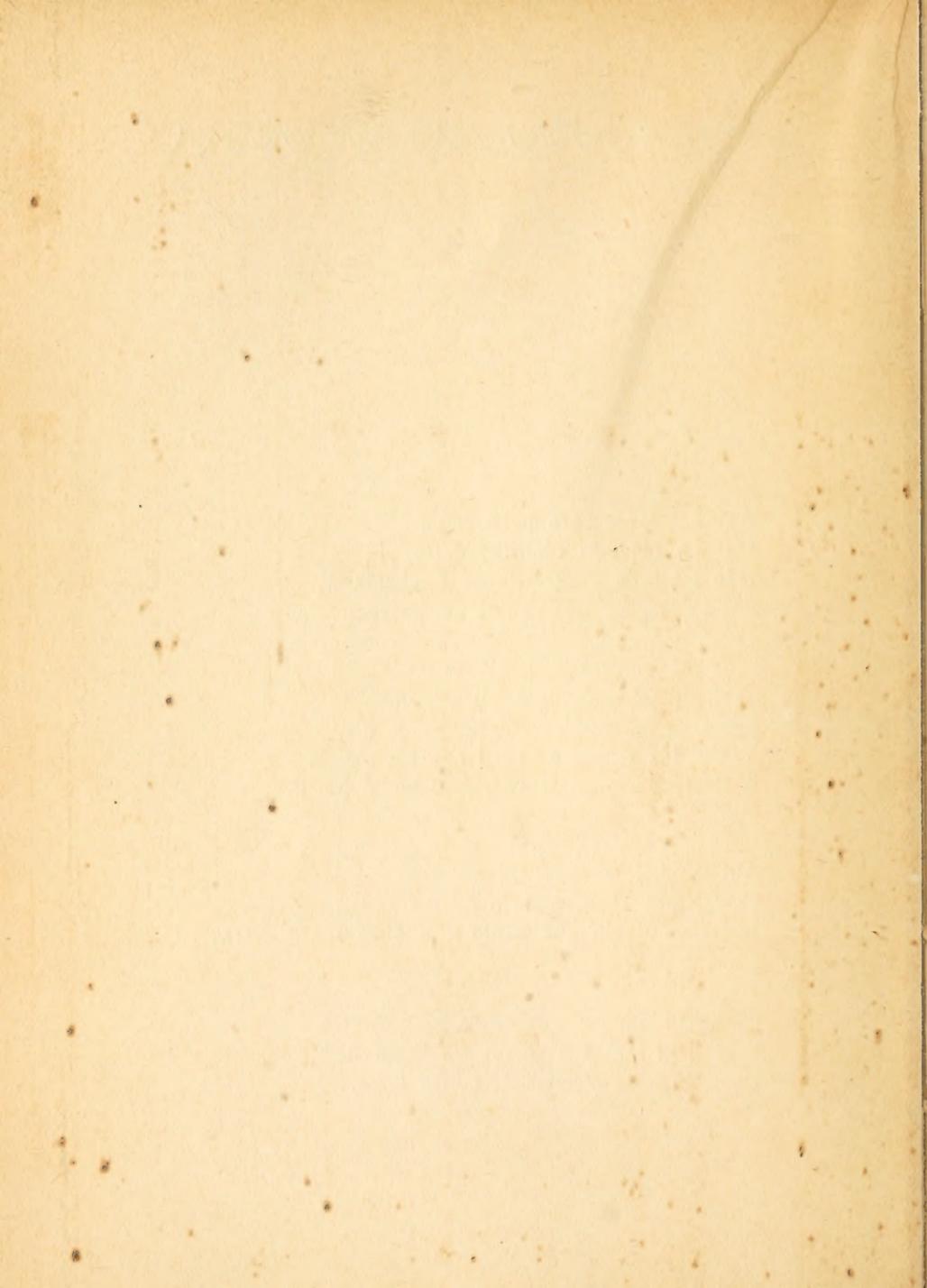
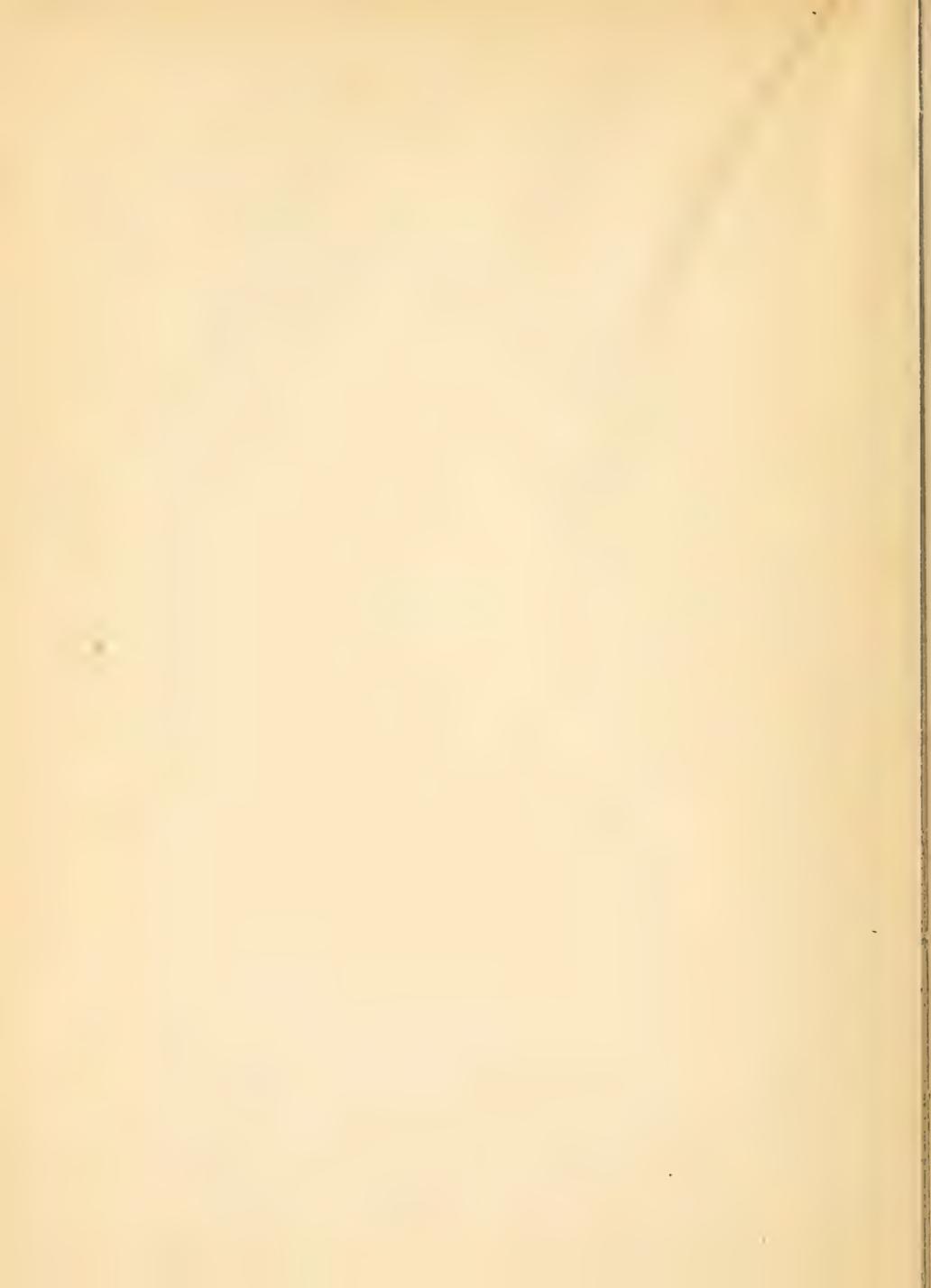
JORGE JOBIM

DEDICO ESTE LIVRO

ALBERTO DE OLIVEIRA

Agora é tarde para novo rumo
Dar ao sequioso espirito; outra via
Não terei de mostrar-lhe e á phantasia
Além desta em que peno e me consumo.

Ahi, de sol nascente a sol a prumo,
Dêste ao declinio e ao desmaiar do dia,
Tenho ido empós do ideal que me alumia,
A lidar com o que é vão, é sonho, é fumo.

Ahi me hei-de ficar até cansado
Cahir, inda abençoando o doce e amigo
Instrumento em que canto e a alma me encerra;

Abençoando-o por sempre andar commigo
E bem ou mal, aos versos me haver dado
Um raio do esplendor de minha terra.

ODE CIVICA

ODE CIVICA

(Ás alumnas da E. Normal de S. Paulo)

Desde esse extremo Norte, onde com surdo estrondo
O adyto e solidão das selvas em redondo
Formidoloso abala o rio-soberano,
E as margens roendo, o collo a arfar, turbado o aspeito,
Á barba um do outro, mão com mão, peito com peito,
Vae contender com o Oceano,

Até cá embaixo, ao Sul, nas terras frias, onde
Áquella grande voz a de Iguassú responde,
Em sete quédas troando, — e inda além de onde brilhas
Núa, diante do sol, vastissima alagôa,
E incansavel no curso, alistridente vôa
O vento das cochilhas:

Sob um céo festival, entre mattas virentes,
A ouvir, como elegia, o choro das torrentes
E o piar das aves, — sobre o thorax arquejante
Cruzados em sopôr os braços, descahida
A cabeça, ao que o cérca indifferente, e á vida,
Jaz prostrado o Gigante.

E por toda a extensão em que seu leito assenta,
— Humus no chão, calor no sol, trons na tormenta,
Seiva em caules, perfume em flôr, vozeio enorme
Em aguas e arvores. — sôa, amplo e estentoreo, um hymno.
Tudo ao trabalho o incita, o chama. E resupino,
Descuidoso elle dorme.

Diz-lhe o Sol: — "Accendi por estes céos escampos
Meus raios de mais luz para dourar-te os campos
E fazer rebrilhar o espelho de teus rios;
Meu escrinio de rei ficou sem esmeraldas,
Pois todas espalhei de teus cerros nas faldas
E em teus bosques sombrios.

Abri em Leste e Oeste as sete côres do iris
Para enlevar-te; para as sestas que dormires,
Sob o fofo docel de nuvens, de lavores
Bordados de ouro e prata, — em teu leito selvagem
Todo o aroma entornei, aos fremitos da aragem,
Das amphoras das flôres.

Córei, vindo o verão, com os seus dias enxutos,
De topazio e rubi os teus melhores fructos;
Onde vae minha luz, a terra estúa e viça,
Cinge cada collina aurifulgente flammeo,
E ao murmur de aguas e ar, é um verde epithalamio
A serra movediça.

Ergue-te! é dia ha muito! amanha essas campinas,
Semêa-as; faze ouvir as tuas officinas,
Rouqueje a forja, cante a serra, estronde o malho!
E grato me ha de ser, baixando no horizonte,
Beijar num raio extremo o suor de tua fronte
E abençoar-te o trabalho!"

Diz-lhe o Mar: — "Quando aqui, nesta região, ignota
Ainda, certa vez aportou uma frota,
Dei-lhe enseada segura e á gente que trazia;
Um altar se improviza, uma cruz se alevanta,
Vem o gentio a ouvir o que se reza e canta
Á luz clara do dia.

E á voz nova a invocar um novo deus, em meio
De silencio e de espanto, eu, das náos em meu seio
As velas a embalar concavas e redondas,
Como crente tambem, á prece então ouvida
De cem boccas alli, juntei a commovida
Prece das minhas ondas.

Rezei. Rezo por ti. Ao teu doce contacto,
Ora o saibro sentindo, ora a pedra, ora o matto,
Feliz, por te servir meu dorso atlanteo inclino;
No espelho, de que são minhas praias moldura,
Reflectindo a grandeza aos céos, se me afigura
Reflectir teu destino.

Raro me enturba a face afflicção ou desgosto,
Tão bem ao pé de ti me sinto! No meu rosto
Este reflexo verde e o azul de um céo sem brumas
Tornam-me o parecer mais remansado e lindo;
Com que beijos te beijo, a ondular-me, sorrindo
Meu sorriso de espumas!

Dormes? Mas já teu somno ha tanto tempo embalo!
Que dormir será esse?... Accorda! eis-me vassallo
A obedecer-te em quanto ordenes de teu throno;
Das riquezas que tens carrega as minhas vagas,
Anima com o trabalho estes portos e plagas,
Sae do torpor do somno!"

Diz-lhe a Terra: — "Não beija o Mar, o Sol não banha
Outra, como eu, em viço e em riquezas — tamanha;
E desde quando, em flôr ainda, semi-núa,
Os meus seios te abri, sombreados de palmeiras,
Ou mais tarde os sertões me entraste com as bandeiras,
Pertenço-te, sou tua!

Dei-te — e mal sabes quanto é vasto este thesouro!
Minhas minas de prata e minhas minas de ouro,
Diamantes sem iguaes no mundo, coloradas
Pedras — raro lavor de minhas officinas,
Verdes, roseas, azues ou negras turmalinas,
Euclasas e granadas;

E as rochas de granito, e os meus marmores claros
Como outros nunca viu Naxos branquear-lhe, ou Paros;
E as jazidas de cobre, e as de galena, e ferro,
E o gesso, e o enxofre, e o friavel schisto, e o carvão rudo,
Tudo quanto servir-te acaso possa, tudo
Quanto em meu seio encerro!

E as mattas, e a amplidão de campos admiraveis,
Ondulados ou chãos, ubertosos e araveis,
Rebrilhantes da chuva ou do lentor da noute,
E onde uma leira abrindo, e tua mão acaso,
Por um grão que me dês, eu em pequeno prazo
Cem, generosa, dou-te.

Vem cultival-os! Vem á Terra, a bôa amiga
Opima e liberal, sem desmaio ou fadiga
Amar! Longe torpor e ocio que te consomem!
Quero sentir-te em mim, dentro em minhas montanhas,
Dentro no seio meu, dentro em minhas entranhas,
Com os teus musculos de homem!

Cinge-me, contra ti num abraço me aperta
E deixa diffundir-te almo calor. Desperta!
Corre-me em longo beijo os longos membros, talha
Com alvião e picareta as minhas carnes vivas,
Rodem por sobre mim tuas locomotivas,
Mas vive, mas trabalha!"

E é em vão o appêllo! Em meio ás pompas e esplendores
Desta America, sobre um estendal de flôres
Descahida a cabeça, o thorax arquejante,
Ou doente ou a dormir — como em terras do Oriente,
Entre molles cochins, rei sensual e indolente,
Jaz prostrado o Gigante.

E havemos de o deixar nessa inacção nefasta,
Em que todo o vigor se lhe adormenta e gasta,
Como corroe ao ferro e o estraga o oxydo vil?
Não! quente sangue ainda em suas veias bate...
Quebremos o deliquio ou morbidez que o abate,
Ergamos o Brasil!

Basta um pouco de sol para que nevoa espessa
Se dissolva, e vivaz, ao seu lume, appareça
Desassombrado e verde a rir-se o valle em flôr;
Para a Patria arrancar a esse fatal marasmo,
Basta um pouco de fé, um pouco de enthusiasmo,
Basta um pouco de amor!

Se aos de hoje, a todos nós nos falta força, e alento
Para a ruina evitar-lhe ou o anniquilamento,
Se toda a aspiração neste sentido é vã,
Appellemos daqui, do crepusculo baço
Deste dia sem luz, para mais largo espaço,
Para o sol de amanhã!

Em vós, que ides semeando as leiras do Futuro,
De onde a planta ha de vir, o remedio seguro
Ao seu lethargo está, á sua salvação.
Chamae, como Jesus outr'ora, os pequeninos,
Falae-lhes do Brasil, entre louvores e hymnos,
Dae a grande lição!

Ensinae-lhes a amar a Terra, em que nascemos,
Ella bem lhes merece e a todos vós extremos!
Mas a Terra não só, onde á primeira luz
Sorrimos — nosso lar, na infancia, as suas flôres,
O rio, o campo, a igreja, os primeiros amores
E ás vezes uma cruz...

Essa apenas traduz um amor limitado,
Tendo a imagem de um berço a embalar-lhe o passado
E um retalho de céo por cupola; o querer
Desse amor não transpõe a linha do horizonte;
São-lhe balisa a casa e aquelle velho monte
Que nos viu ao nascer.

Terra da Patria é mais, com o amor que a todos prende
E os auna alma e alma: é desde onde se estende
O Amazonas lá em cima ás planicies do Sul,
Todo o paiz com o céo, que da remota e pobre
Taba do indio á cidade, immenso, a todos cobre,
Como um velario azul.

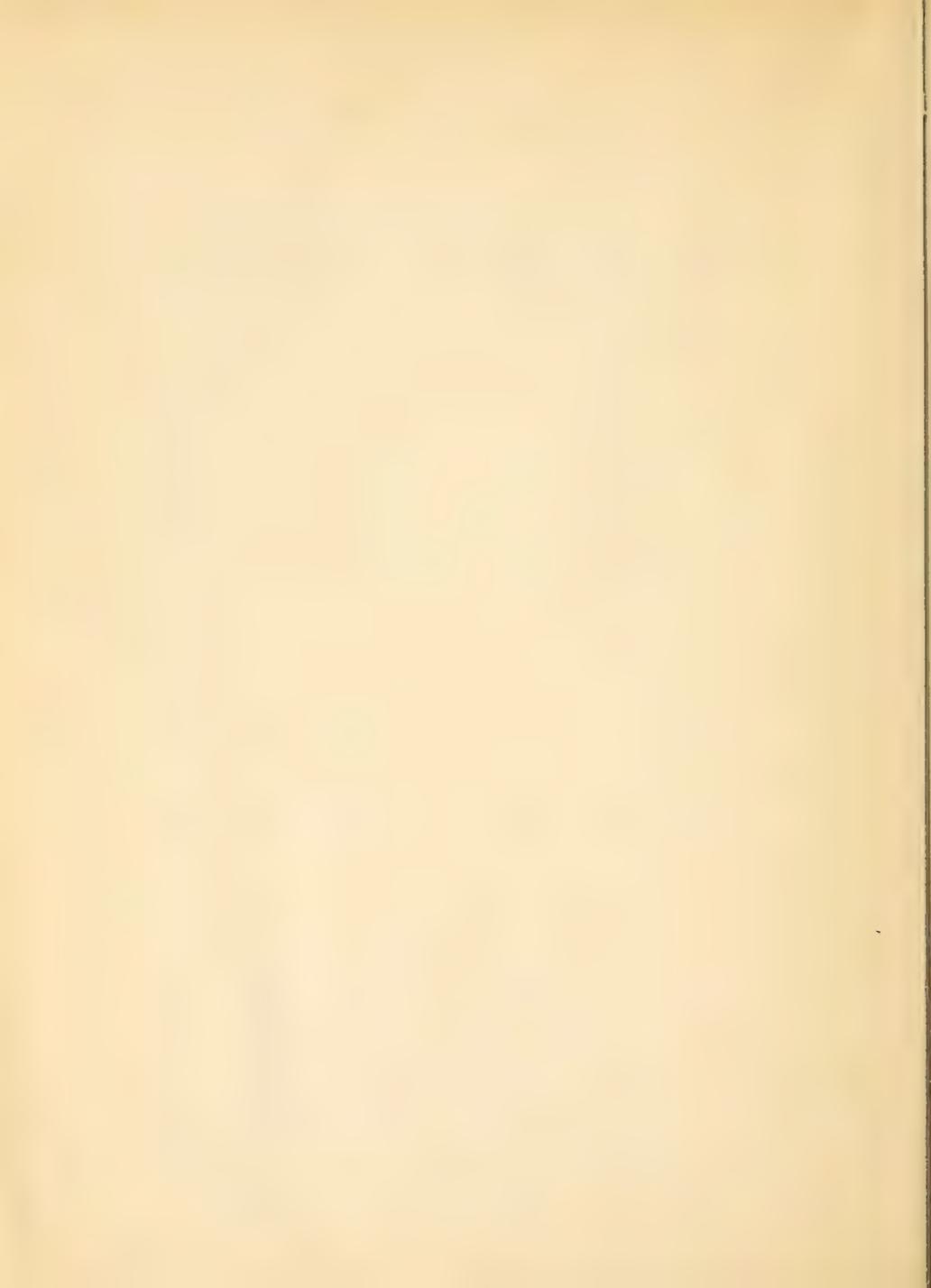
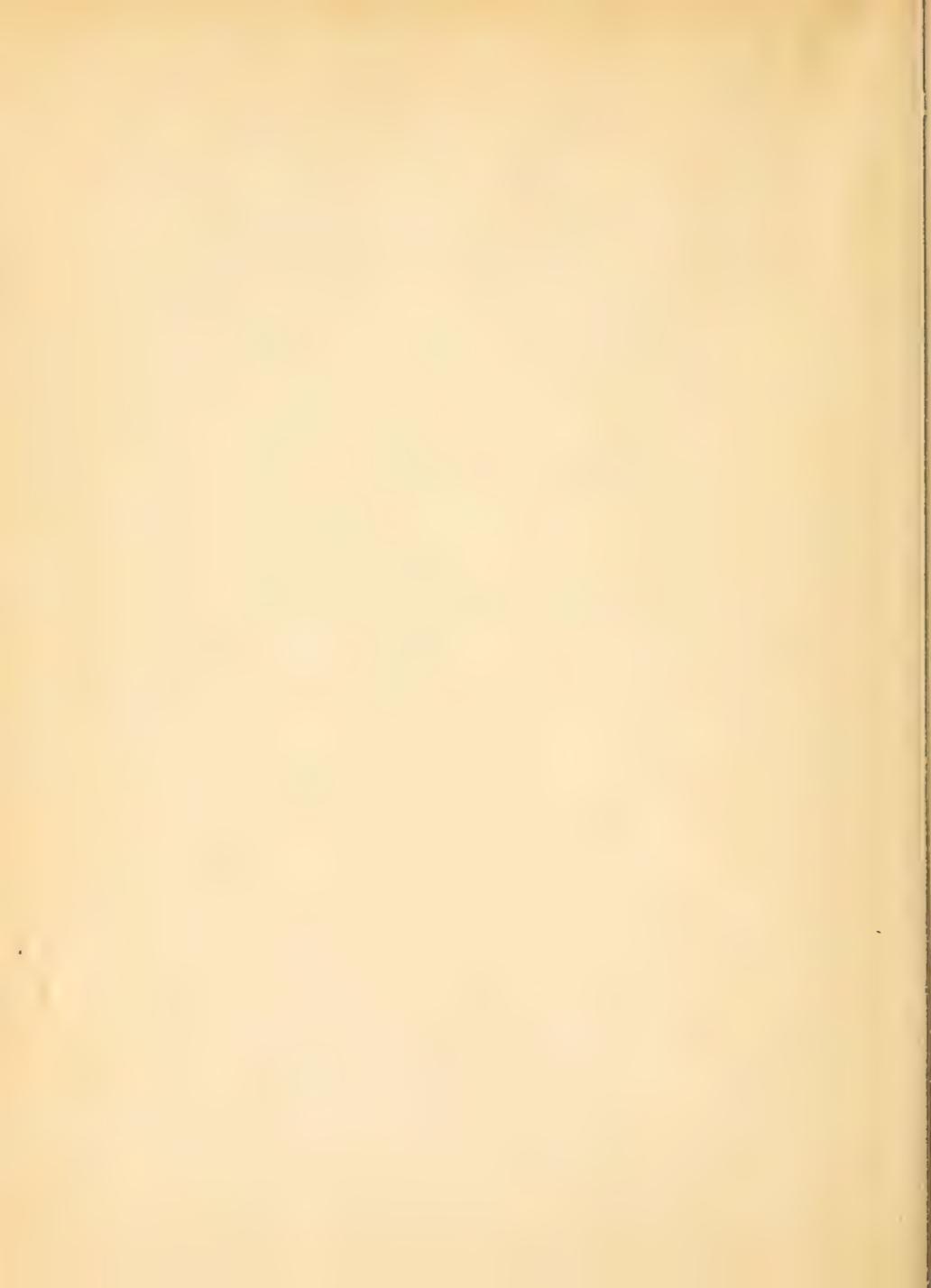
Ensinae esse amor da patria, com a grandeza
Do que é nosso. Á lição vasta da Natureza
A dos homens juntae, e a historia da Nação.
Não vos hão de faltar nomes, que amando a terra,
A gloriaram na paz ou nos campos de guerra,
— Penna ou espada na mão!

Revocae de onde estão em sombra e esquecimento,
Esses nomes! Reluza, em nobre ensinamento,
Resurrecto de outrora o espirito viril,
E lembrando-os no bem diffundido ou sonhado,
Imitando-os no amor, amando-os e ao passado,
Amemos o Brasil!

Lembrae-os! Nem vos passe o louvor merecido
Á lingua cujos sons a lhe cantar no ouvido
Leva o extrangeiro, como echos de edenea voz,
Lingua de povo irmão, noutra parte falada,
Mas que aqui se enriquece, avulta e mais agrada
Por mais doce entre nós.

E com a lingua, lembrae os que numero e graça
Mais lhe deram, cantando, e em cujos versos passa
Ora amorosa e ardente, ora triste e infeliz,
Ensombrada de magua, ebriada de perfumes,
Ensoada de paixão, em gritos e queixumes,
        A alma deste paiz.

Gorgeie a escola. E á voz da escola se misture
A de todo labor, — sôe enxada, e segure,
Mina, engenho, tear... Ao coqueiral de pé,
Passando, a ventania une todas as palmas:
Corra um sopro de vida e una todas as almas
        No trabalho e na fé.

Longe este desamor e feia indifferença!
Hausto mais forte de ar, hausto e mais luz de crença
Dae-o vós a beber e animo varonil!
Recúa toda sombra ao sol triumphal que avança:
Fazei surgir o sol, entre hymnos de esperança,
        Levantae o Brasil!

ALMA E CÉO

O SUPREMO REMEDIO

Na terra, aos homens tua dôr não contes.
Fala ao céo. O céo ama ao que o procura.
Ergue os olhos além dos horizontes:
E' lá que á vida está o remedio ou cura.

A toda alma que soffre em grutas, fontes,
Nos insectos e brutos da espessura,
Grimpas de arvores, pincaros de montes
Estão, observa-os, apontando a altura.

Aponta-a em cada igreja a flecha esguia
Do campanario, e quando, já sem vélas,
A náo no mar, desconjuntada já,

Vae a afundir, por entre a ventania,
O grande mastro, amigo das estrellas,
Aos marinheiros apontando-a está.

RIO VERDE

Vae o trem da Sul-mineira
— Que formoso é o sul de Minas!
Deixando atrás, na carreira,
Montes, banhados, campinas.

Mas campinas e banhados
E novos montes ahi vêm
E passam, como apressados
Da mesma pressa do trem.

O rio, que óra barrento,
Sendo *verde,* descortinas,
Segue-te a cada momento
Naquellas terras de Minas.

Rio Verde sem verdura,
Com que nelle a se rever

Scismava a floresta escura,
Que triste que é o seu correr!

Corre como o trem de ferro,
Empós talvez, imaginas,
De alguma selva de cêrro,
Onde inda ha selvas em Minas.

"Arvores de basta fronde,
Corpulentos vegetaes,
— Murmuram-lhe as aguas — onde,
Verdes arvores, estaes?

Que é dos ipês seculares
E das lianas serpentinas?
Do perfume destes ares?
Das flôres do chão de Minas?"

E corre. Eis ao sol esparsas,
Em meio a uns tesos se vêm
Branquear, qual bando de garças,
Algumas casas além.

E' Conceição. Adeus, maguas!
Alegrias crystalinas

Retine ao longo das aguas
O rio do sul de Minas.

E com o trem como parado
Ahi fica um momento então,
A villa mineira ao lado
Vendo a sorrir.
— Conceição!

Conceição do Rio Verde,
De verdes fartas campinas,
E céo azul que se perde,
Sem fim, nos confins de Minas:

Tambem fiquei um momento,
Em meu comprido viajar,
A ver enlevado e attento
Teu panorama sem par.

Lembram-me em saudoso anseio
As horas quasi divinas
De hospedagem em teu seio,
Saudavel torrão de Minas!

Lembram-me uns sons que se ouviam,
Longos, chorosos e vãos...

Eram harpas que gemiam
Tangidas de aereas mãos;

Harpas verdes balouçantes,
Balouçantes casuarinas,
Em que perpassam descantes
Do vento e do céo de Minas.

E áquellas notas eoleas
Juntavam-se, como affins,
Os perfumes das magnolias,
Das murtas e dos jasmins.

. . . .

Rio Verde sem verdores,
Tuas aguas peregrinas
Tambem o cheiro das flôres
Bebem nos ares de Minas,

Bebem-no e vão-se... No mundo
Tudo é chegar e partir,
Vão-se ellas ao mar profundo,
Eu a que mar terei de ir?

Rio, vês não longe a imagem
Da foz, a que te destinas,
Eu... Fôsse o meu fim de viagem
Este pedaço de Minas!

A CANCELLA DA ESTRADA

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Cavalleiro, á disparada,
Lá vae no cavallo ardente.
Cavalleiro em descuidada
Marcha, lá vem indolente.

Passa, ondêa levantada
A poeira, toldando o ambiente.

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Bate, e exaspera-se e brada
Ou chora contra o batente:
(Ninguem lhe ouve na arrastada,
Roufenha voz o que sente)

— "Minha vida desgraçada
Repouso não me consente;
Vivo a bater nesta estrada
Constantemente."

Moços, moças, de tornada
De alguma festa, em ridente
Chusma inquieta e alvoroçada,
Passaram ruidosamente.

Desta inda se ouve a risada,
Daquelle o beijo... Plangente

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Agora, é noiva coroada
De capella alvinitente;
Segue o noivo a sua amada,
Um carro atrás, outro á frente.

Agora, é uma cruz alçada...
Um enterro. Quanta gente!

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Bate ao vir a madrugada,
Bate, ao ir-se o sol no poente;
(Das sombras pela calada
Seu bater é mais dolente)

Bate, se é noite enluarada,
Se escura é a noite e silente;

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Nossa vida é aquella estrada,
Com os que passam diariamente
E após si da caminhada
A poeira deixam sómente.

Coração, como a cansada
Cancella de som gemente,

Bates a tua pancada
Constantemente.

CORPO E SOMBRA

O corpo que hoje viste ao fim do dia
Seguir para uma cova que o esperava,
Oitenta annos viveu. E não cansava!
Quem cansou foi a sombra que o seguia.

Oitenta annos em sua companhia,
Arrastada por terra como escrava!
Só quando elle no escuro repousava,
Ella no escuro repousar podia.

Oitenta annos! Liberta, finalmente!
Agora que o metteram num jazigo,
Sae lésta e leve a espairecer contente,

E parece que em jubilo profundo
Diz: Emfim, só! depois de haver comtigo
Errado quasi um seculo no mundo!

PEDRA DE TUMULO

O que alli dorme (não se dando
Do que elle foi, fartos de vida,
De sol e de ar,
Garrulos passaros em bando
Na cruz de marmore esquecida
Lhe vêm pousar)

O que alli dorme (se é que dorme)
Perquirindo do ser a essencia,
Em tudo igual,
Incansavel e multiforme,
Do começo ao fim da existencia
Só viu o Mal.

Refranzido severo o labio,
Soube-lhe a fel toda ambrosia,
Riu da illusão,

Riu do amor, que elle, arguto e sabio,
Chanceou com amarga zombaria,
Tedio e irrisão.

Moço ainda, sem uma queixa,
Apressando o mortal excidio,
Com impavidez,
Como um in-folio, a vida fecha,
Vasando a taça do suicidio
De uma só vez.

E talvez dorme... Não se dando
Do que elle foi, fartos de vida,
Baixando do ar,
Garrulos passaros em bando
Na cruz de marmore esquecida
Lhe vêm pousar.

E como ha sol no cemiterio
E do alto céo a tudo inunda
Almo calor,
Canta o emplumado bando aereo,
Espanejando-se á luz fecunda:
Amor! Amor!

RAUSO

Para o Sol receber na luz primeira,
Noiva do Sol, — como em festiva sala,
Noiva de Rei — toda era viço e gala
No pomar verde a verde laranjeira.

Lidaram sem descanso a noite inteira
Mãos de invisiveis aias a alfaial-a;
Brando queixume a alma impaciente exhala,
O véo de nupcias rumoreja e cheira.

Espera. Eis que, porém, de encontro ao seio
O vento a enlaça, a beija, a envolve toda,
Redomoinhando em subita rajada.

E quando o Sol para esposal-a veio,
Quasi despida a viu. Voavam-lhe em roda
As flôres da corôa desfolhada...

EM PLENO SONHO

(Á Maria Eugenia Celso)

A almas, como a que tens, hora e mais hora
Absortas no ideal da perfeição,
A Poesia, nos tempos máos de agora
Sem religião, é uma religião.

Seu culto, como o desta, as embevece,
E a sós, contrictas, em fervor infindo,
Dizem o verso, qual se diz a prece,
Entre as luzes do altar e o orgão ouvindo.

— Monjas reclusas em si mesmas, oram,
As contas a passar, em devoção,
Do rosario das lagrimas que choram,
Buscando seu ideal de perfeição!

. . . .

EM PLENO SONHO. E' o extasi. Bemdicta
A Arte que assim te eleva á grande Luz,
(Embora na ascensão clara e infinita
Vergues ao pêso de invisivel Cruz.)

Bemdicta, que aos que a servem galardôa,
Aureolando-os de um fulgor do Empyrio,
(Embora sob os raios da corôa
Se escondam os espinhos do martyrio.)

E em teus labios bemdicto eternamente
O hymno de fé, que lhes revôa á flux.
Em toda alma de poeta ha um templo e ha um crente.
Toda oração é um vôo para a luz.

TORNANDO A PETROPOLIS

Petropolis, cidade
Onde da mocidade
Se me esfolhou, gloriosa,
A ultima rosa;

Onde quem me devia
Nesta alongada via
Guiar e mostrar o céo,
Me appareceu;

Onde o meu ninho armei-o
Cantando alegre, em meio
De lirios, num recanto
Socêgo e encanto;

E fui feliz naquellas
Horas, a todas ellas

Em seu chegar e se ir
Dando um sorrir;

Petropolis, não ha-de
Quem te habitou, cidade,
Nevoas que a um sôpro esfumas,
Ar que perfumas;

Tuas compridas álleas
De hortencias e de azáleas,
Manhãs e entardecer
Nunca esquecer!

Petropolis, a ver-te
Tórno, e qual tórno, advérte,
Tórno, a alma combalida
De tanta lida.

Tórno, mudado o aspeito,
Cansado e oppresso o peito,
Exangue e sem acção
O coração.

Vim-te pedir alento.
Dá-m'o, que a lento e lento
Venturas de outros dias
Todas perdi-as.

Recebe-me, cidade,
Tu que em mais doce idade
Retiro, onde vivi,
Florear-me vi.

Adormecei-me as maguas,
Auras dos cerros, aguas
Que em flébeis murmurios
Correis dos rios!

Abri-vos uma a uma,
Camelias côr de espuma,
Cravos de toda côr
E almo frescor!

Ramagens verdes, seio
De bosques, a que o anseio
Confial-o me foi dado
De algum cuidado!

Nuvens que a immensidade
Do céo pela cidade
Deixaes, e em véos subtis
A revestis;

Falae-me do alto! Espaços
E espaços ao que os passos

Errados traz por esta
Via funesta!

Suba daqui, deste ermo
O coração enfermo,
E possa, ó nuvens, voar
Comvosco no ar!

Levae-m'o, ó nuvens, aonde
O eterno bem se esconde...
Que ansia de alturas fóra
Rolar nesta hora!

O CÉO DE CURITYBA

Que céo! Prata e carmim. Que estrella d'alva, e aurora!
E agora o sol! E agora o dia! Ampla e sonora
Diz uma voz: Cantae! — Cantam a par e par
As aves, canta o bosque, onde almo nectar liba
O insecto, o rio canta... O céo de Curityba
Me faz cantar.

Que céo! Carmim e bronze. Entrou, radiante e immenso,
O sol. Hora é de paz, hora é de myrrha e incenso.
— Orae! diz uma voz. Um sino plange. No ar
Anjos rezam, talvez. Em solitaria riba
Scisma absorto um pinheiro. O céo de Curityba
Me faz orar.

Que céo! Ebano e fogo. A Natureza dorme.
Dorme a cidade. Eu só, deante da noite enorme,
Penso e soffro e levanto ás estrellas o olhar.
— Sonha! diz uma voz, — ao que é mais alto! arriba!
Que céo! Socêgo e luz... O céo de Curityba
Me faz sonhar.

CÉO FLUMINENSE

Chamas-me a vêr os céos de outros paizes,
Tambem claros, azues ou de igneas côres,
Mas não violentos, não abrasadores
Como este, barbaro e implacavel, — dizes.

O céo que offendes e de que maldizes,
Basta-me emtanto: amo-o com os seus fulgores,
Amam-no poetas, amam-no pintores,
Os que vivem do sonho, e os infelizes.

Desde a infancia, as mãos postas, ajoelhado,
Rezando ao pé de minha mãe, que o vejo.
Segue-me sempre... E ora da vida ao fim,

Em vindo o ultimo somno, é meu desejo
Têl-o sereno assim, todo estrellado,
Ou todo sol, aberto sobre mim.

AGUAS PASSADAS

"Não móe com agua passada
O moinho" — diz o rifão.
Como é dos mais differente
O moinho do coração!

Passada embora, presente
E' sempre a agua, em que lhe vão
Levados confusamente
O amor, o sonho, a illusão.

Quanta esperança afogada
E quanta recordação
Boiam nessa agua corrente
E a tornar-lhe sempre estão!

E vendo-as no ansiar frequente,
Pulsação a pulsação,
Móe e móe eternamente
O moinho do coração!

SERRA DO PALMITAL

Foi lá onde ha uma serra, e os esplendores
Do sol num valle; onde um rebanho pasce
De ariscas borboletas multicores,
E onde de tanta flôr, que ao pé lhes nasce,

Cheiram os rios, cheiram como as flôres;
Foi lá, — onde eu talvez melhor ficasse
Só com um unico amor, sem que provasse
Tanto o mel como o fel de outros amores;

Foi lá que a vez primeira amei. Por terra
Tudo cahiu, talvez, tudo com os annos
Ou jaz mudado ou jaz disperso ao vento;

De pé deve sómente estar a serra,
Como eu, sobrevivendo a tantos damnos,
Para que maior seja o sentimento.

TROPEL DE VAGAS

Vêr em seu movimento as vagas, homem,
E' vermo-nos: succedem-se no infindo
Horisonte em tropel, aiando ou rindo,
E em lucta úmas com outras se consomem.

Nem açoites de ventos ha que as domem.
Mas a hora de quebrar chega... Vêm vindo,
E rolam, tombam, e em clamor refluindo,
No mesmo pégo, de onde vêm, se somem.

Ó vagalhões! deixae vosso atrevido
Entono! Berço agora, o grande oceano,
Sepulcro em pouco, vos terá sumido,

E quaes somos em nosso orgulho insano,
— Pó levantado e em breve pó cahido —
Aguas planas sereis no equoreo plano.

PASSANDO

Vi de passagem, viajando
(Melhor, voando) no trem um rio
E uma arvore e um banco. E tantas cousas mais
(Tantas já tinha visto) fui olhando
Por desfastio:
Pontes, barrancos, outros rios, animaes,
Ovelhas, bois, carros de bois, campinas,
Capões, ilhas perdidas na planura,
Lavouras, catingaes, descampados, usinas;
Agora escura
De um lado a matta,
Um cruzeiro defronte,
Agora uma cascata,
Agora um rancho, agora um moinho, agora um monte;
E ia-se tudo, ia-se-me á passagem,
Sem me emtanto ficar de tanta cousa imagem;
Imagem, só, alli, do trem ao solavanco,
Uma me acompanhava: era a daquelle banco
E aquella arvore e rio; eu a guardava, e só.
No que redomoinhava, entre a luz e entre o pó,
Na paizagem, no céo, deante de mim, sómente

Esta eu via, e era sempre a mesma, persistente
A seguir-me, e melhor, muito melhor a via,
Se cansado, á janella a cortina descia,
E olhos cerrava: o rio (enxergava-lhe até
O seu alveo de areia) a arvore, e della ao pé
O banco. Onde, em que tempo, indagava eu agora,
Sem mais curioso olhar o que passava fóra,
Havia eu visto arvore igual, e perto um rio,
E perto um banco, o sitio em de redor sombrio,
Socegado e propicio a colloquios de amor?
Talvez remotamente em minha vida em flôr,
Onde nasci... Talvez em minha mocidade,
Noutras terras... Talvez... Corria idade e idade,
Tudo evocando. Mas interrompo-me: um berro
Estrugiu cavernoso o monstro de aço e ferro.
Villa ou cidade surge. Entramos na estação.
Espreitando, a mover-se a um lado, a multidão,
(Era um dia de festa) ao sol que a sobredoura
Em fronteiro jardim vi uma trança loura.
Foi rapido, ao partir o trem. Formosa trança!
De outra igual, loura assim, festejou-me a lembrança,
De outra que tanto amei e que ao desdem cahia,
Nuns hombros... Quanta vez, ao declinar do dia,
Não a tomei, não a beijei! E eramos sós,
A que a trazia e eu. Silencio ao pé de nós,
Só por todo rumor um ciciar de folhagem
E o de umas aguas... Ah! refaz-se-me a paizagem,
A memoria ao que vae tão longe me transporta,
(Da formosa da trança o nome pouco importa)
Ah! foi alli que eu vi, lembro-me bem, emfim,
Um rio assim, um banco assim, e arvore assim...

CORBELHA DE ROSAS

Neste começo de anno arduos labores,
Por bôas-festas, me quiz dar a vida;
Dão-me as cousas que trato, a mesma lida,
Mesma incommodidade e dissabores;

Dá-me o sol estival seus crús ardores,
Sem sombra alguma fresca e appetecida;
Dá-me um doer de saudade... Em despedida
Dão-me os sonhos adeus. Tu me dás flôres.

Bem hajas, pois, bonissima Angelita!
Tua alma aqui domestica voltêa,
Nas flôres que me dás, brinca e palpita;

Sinto-lhe as asas de invisivel nume
E respiro-a neste ar, na casa cheia
Como o meu coração, de seu perfume.

VIDROS OPACOS

Fita nos olhos teus, sorrindo, Alice
Os grandes olhos negros requebrados,
Mas os teus vê do albugo da velhice
Semi-àpagados.

Em seus espelhos turvos se demora
A examinar se ainda — oh vão desejo!
Do moço, do varão, do homem de outr'ora
Resta um lampejo.

Nada mais resta. A alma entanguida e escura
Apenas treme á superficie baça.
Olha a moça, olha, insiste... Assim procura
Numa vidraça,

Numa vidraça de palacio antigo
E abandonado, lucilante e núa,
Lembrando alguem, um vulto, um rosto amigo,
Espiar a lua.

Escureceu o vidro e mal consente
Vêr, entre uns soltos restos de cortinas,
O vacuo triste, a solidão sómente,
Sombras, ruinas...

O MAIOR PESAR

(DE BEDROS TOURIAN, POETA ARMENIO)

Não vêr fonte, onde de um hausto
Sêde de amor estancar;
Moço, já sentir-me exhausto,
Não é meu maior pesar.

Sem têr de um beijo a doçura,
Ir a fronte repousar
Na lagea da sepultura,
Não é meu maior pesar.

Antes da noiva querida
Em meus braços apertar,
Cerrar num tumulo a vida,
Não é meu maior pesar.

Viver em misera choça,
Ar impuro a respirar,
Soffrer o mais que se possa,
Não é meu maior pesar.

Meu maior pesar é vêr-te,
Patria infeliz, a penar;
Morrer, sem poder valer-te,
Este é o meu maior pesar.

SENSITIVA

Alguem talvez inveja a sensitiva
Que ahi por nossos campos apparece,
E em cada flôr traz uma chaga viva,
E em cada espinho mostra o que padece.

No chão ou pedras que a retêm captiva,
Roja a planta infeliz, mas se acontece
Tocal-a alguma vez mão compassiva,
Fecha uma a uma as folhas e adormece.

Alguem talvez a inveje, afague-o embora
Piedosa mão na angustia que o devora,
Procurando abafar-lhe queixas e ais,

Pois tão rebelde a tudo e tão violento
Ás vezes dentro na alma é o soffrimento
Que dar-lhe estremos é irrital-o mais.

O UNICO THESOURO

(FRANCISCO VILLAESPESA)

Sonhando achar mirifico thesouro,
Como um gnomo ao clarão de uma lanterna,
Desci de minha vida á atra caverna.
    Desci, mas em vez do ouro
Que imaginava e gemmas fabulosas,
    Dei apenas com os olhos
    Em serpes venenosas,
Enroscadas e prêsas entre abrolhos...
Eram, como num chão de pez ou lava,
Carvões, ascuas que foram, incendidas
Paixões de todo desapparecidas;
    Cinzas de escorpios, ossos
    De aguias apodrecidas...
Desci ainda... E vi branquearem rotas
    Esculpturas, pedaços
De marmores e jaspes de remotas
Architecturas, mutilados braços
De alguma Venus... Eis do sorvedouro

Alcanço o fundo, e ao fundo, rutilante,
Entre um montão de escorias e destroços,
Deparou-se-me aos olhos um diamante...
A lagrima primeira que chorada
Foi por mim em saudosa despedida.
Ah! e era essa lagrima irisada
        O unico thesouro
        De minha vida.

QUEM CANTA, SEU MAL ESPANTA

Voltas

Nem sempre, se o coração
Excrucia dôr pungente,
Póde, como allivio, a gente
Fazer della uma canção.
Dôr ha ahi que tão vehemente
Se aferra ás fibras, e é tanta
Que nada a distrae e espanta.

Póde-se ir, se acaso é dôr
Que a alma não subjuga e invade,
Dôr de um dia de saudade,
Dôr de um só dia de amor.
Dôr, que ao nosso rosto a côr
Não muda e mal nos quebranta...
Essa qualquer cousa a espanta.

Essa em cantigas se vae,
Como no ar a paina leve:
Peitos, a que ella se atreve,
Se a quereis fóra, cantae!
Derrete-se como a neve
Que o vento sacode á planta,
Qualquer sôpro a leva e espanta.

Mas a dôr surda e feroz,
Que tocada se exaspera,
E passeia dentro em nós,
Como em sua jaula a féra,
Amansal-a com que voz,
Se ella nos tolhe a garganta?
Nada a distrae, nada a espanta.

FREMOR

Supponho achar-me ás vezes quando penso,
Voltado sobre mim, no que hei vivido,
Ao pé de um mar, de onde um clamor immenso
De humanas vozes vem ferir-me o ouvido.

E afflicção e terror na alma não venço,
Conhecendo gemido por gemido
Tudo o que amei, agora sob extenso
Lençol de negras aguas submergido.

E inda parece um braço no ar se agita,
E chamando-me, como em scena inferna,
Espectral multidão lugente e afflicta

Grita, e esses brados que ululando soam,
Dentro em meu coração, como em caverna,
Abalando-o, rememoros reboam.

O LIRIO INTANGIVEL

Vi-me em sonho a nadar por um pantano escuro,
Inteiramente escuro.
A agua era grossa e infecta, o ar adensado e impuro;
E eu, agitado e afflicto, a submergir-me todo,
A conspurcar-me todo
No putrido marnel de esverdinhado lodo.
No alto, ennoitado azul as estrellas brilhavam,
Phantasticas brilhavam;
Estriges e visões, roçando-me, passavam.
E eu seguia a bracear pelo pantano escuro,
Inteiramente escuro.
A agua era grossa e infecta, o ar adensado e impuro.
Fluctuava á minha frente um grande lirio branco,
Um lirio muito branco.
Eu tentava colhêl-o, em convulsivo arranco,
Estendia-lhe a mão, — o lirio me fugia,
Fugia, refugia,
A boiar, a boiar na agua estanque e sombria.
E uma voz escutei que me dizia: — "A vida
E' este pantano, a vida;
Alma, feliz serás se em lodo vil mettida,

Alcançares a flôr de ideal que tens em frente".
E o lirio á minha frente,
Muito branco, a sorrir, quasi resplandecente,
Ia sempre a fugir, o grande lirio branco;
E eu buscava alcançal-o em convulsivo arranco.
E da noite no escuro
Debatia-me em vão pelo pantano escuro.
E a agua era grossa e infecta, e o ar adensado e impuro...

DEPOIS DA CHUVA

Vestem-se agora os muros
De lichenes e musgos;
        Choveu.
Folhas côr de esmeralda
Abençoam molhadas
        O céo.

O sol das cinco e meia
Obliquo, na alameda
        Fulgir
Gottas ahi cahidas
Faz, como pedraria
        De Ophir.

Contando em breve á lua
Abrir-se, todo espuma
        Na côr,
Da magnoleira vae-se
Desabrochando o calice
        Da flôr.

Vou-me sentar a um banco
E fico-me escutando
Um par
De leves camachilras
Sobre o telhado ariscas
Chilrar.

Mas perto velho tronco
Tombou, e eil-as de prompto
Se vão.
Uns sinos no ar da tarde
Plangendo com saudade
Estão.

Entremos, que me chega
A mim certa tristeza,
Nem vim
Aqui para augmental-a,
Ouvindo voz maguada
Assim.

A' LEILAH GUIMARÃES

De chuvas hoje é o teu dia
Nesta cidade; por lá,
Em Campos, talvez sorria
Um sol festivo, Leilah.

Que ás vezes, neste inconstante
Clima nosso isto se dá:
Chove aqui, mais adeante
E' o céo sem nuvens, Leilah.

— Céo sem nuvens, disse, olhando
As nuvens do céo de cá,
Seja sempre, e ledo e brando
Tua existencia, Leilah.

(A metaphora não presta,
Por estafada, mas vá)
E esse azul se estenda em festa
Pelos teus dias, Leilah;

De sorte que assim, risonhos,
Vestidos de azul (não ha
Nada como o azul dos sonhos!)
Sejam teus sonhos, Leilah;

E tão azues que envolvida
Nelles, esta vida má
Se transforme em outra vida.
Em céo aberto, Leilah.

ARCO-IRIS

E' finda a guerra. Ainda ha um ruidar de tambores,
Explosões, surda artilheria ao longe, a uivar...
Sete côres vestindo, entre o céo e entre o mar,

Um grande arco triumphal refulge.
Vencedores
E vencidos quaes são nesta dentre as maiores
Maior batalha? qual, de todos singular,
O heróe ou semi-deus na peleja sem par?

O grande arco triumphal brilha com as sete côres.

E' a apotheose. Esperae. Mais uns momentos, e esse
A quem cinge a cabeça a estemma da victoria,
Rei dos reis, sol dos sóes, alli vereis passar.

Mas não o attinge o nosso olhar em sua gloria.
Vae-se. Ainda um canhão trôa. Desapparece

Do grande arco triumphal a architectura no ar.

FEIRA DE IRRACIONAES

(De um poeta arabe)

Vê por qual mais te inclinas
Destes dois animaes,
Ambos irracionaes,
Ambos de longas clinas:
Preferes a mulher? o cavallo preferes?
O cavallo é o melhor de todos os cavallos,
E mais bella é a mulher de todas as mulheres.
Hesitas? Leva então os dois: põe á garupa
Do cavallo a mulher, e por brenhas e vallos
Vae, amigo, upa! upa!
A correr, a correr
Com o cavallo e a mulher.

EM SANTA THEREZA

No dia de annos de Irene,
Depois, de tarde sombria,
Chuva grossa e vento infrene,
Luar magico apparecia.

Deixámos luzes da mêsa,
Para ir vel-o do jardim.
Lá em cima em Santa Thereza,
Que bella é uma noite assim!

Com os seus mil fogos, embaixo
A cidade se estendia.
Fogos inuteis! que um facho
Maior a tudo alumia;

Casas alumia e montes,
Montes alumia e mar,
Mar alumia, horizontes
E céos, sereno a brilhar.

Olhava-o d'ao pé da escada,
Quando chegaste, Maria,
Nervosa mão delicada
Que me estendeste, tremia.

Vinhas sem esse que prêsa
Te quiz de seu nescio amor,
E te ensombrou de tristeza
Os teus vinte annos em flôr.

Fomo-nos para o terraço,
Onde por columna esguia,
Todo jasmins, num abraço
Um jasmineiro subia.

Viração, que de costume
Ahi corre, vinda do céo,
Perfumes num só perfume
Juntou de jasmins e teu.

Era a minh'alma, e era a tua,
Que o mesmo desejo unia...
Mas passou no céo a lua,
Passou da noite a magia,

Passou o sôpro fagueiro,
Assomo de amor passou,
Passou dos jasmins o cheiro,
O teu — alguem o aspirou...

Brilhe o céo como brilhava,
Já lhe não acho poesia.
Ah! se eu tornasse onde estava
Com o luar que então fazia!

CANARIO E GAIOLA

I

Só, prisioneiro, com uns grãos de alpiste,
E um pouco de agua no bebedouro,
Canta o canario de pennas de ouro.

Alegre canta. Cantára triste,
Se se lembrasse que livre outrora
Voava com os outros que andàm lá fóra.

Mas não se lembra. Salta contente;
Passados dias de liberdade
Não os recorda; não tem saudade.

Ah! ser canario, como o ser gente
Que do passado vive esquecida,
E' sentir menos o mal da Vida...

II

Este, além disso, não lhe é preciso
Cansar-se em busca de seu sustento:
Ha quem lh'o sirva farto e a contento.

Da que lh'o serve, tem o sorriso,
A que lh'o serve, formosa dama,
Bem que elle o sabe, devéras o ama.

Ella aos seus olhos e intelligencia
E' o ser supremo, força e carinhos,
Que fez as flôres e os passarinhos;

E' o deus visivel, de uma apparencia,
De uma belleza! que todo o canto
Sôa em louvores de seu encanto.

III

Mas tem-no prêso. Que importa! Ao fundo
Do céo remonte-se a ave mais forte,
E' ave prêsa da mesma sorte.

Prisão é o espaço, prisão é o mundo
— Gaiola grande que prende e encerra
Tudo, homens, bichos, o mar e a terra.

E dos dois mundos, o enorme, o vario
Mundo de todos, terreo e celeste,
E o seu, só delle, melhor é este.

IV

Canta. Cantando, feliz canario,
Dizer parece: Vós, a quem vejo
Voando mais largo, não vos invejo!

Certo agradavel com as leves pennas
E' ir singrando, singrando, aos pares,
Acima e abaixo por estes ares.

Mas, amiguinhos, a quantas penas
Andaes expostos e a que ciladas:
Alçapões tredos, tiros, pedradas...

E quantas vezes não vos assalta
O inverno, e ás chuvas, papo vasio,
Rolaes transidos de fome e frio!

Captivo embora, nada me falta,
Suppre-me em tudo quem me consola
Com o seu carinho. Viva a gaiola!

FOLHAS DE ALBUNS

I

MODOS DE VÊR

—Tudo é miseria!
Ouço a um philosopho. E outro me diz:
—Tudo é illusão!
Outro:—tudo é materia!
Outro:—tudo é espirito!
Erasmo:—tudo é insania!
Hoffmann:—tudo é visão!
Pöe:—tudo é sonho!

Infeliz
Do homem que ouvidos presta ao que lhe diz
Este philosophar contrario e vão!
A verdade, a verdade eu apprendi-a,
A unica verdade,
Com as aves que lá fóra, á luz do dia,
Nas arvores em flôr
Dizendo estão á Immensidade:
—Tudo é amor!

II

MARIA DA GLORIA

Maria da Gloria, a gloria
Que buscamos, é illusão.
Nesta vida transitoria
Sómente ha uma gloria: a gloria
Do coração;

Gloria, Maria da Gloria,
Que vae aonde as mais não vão;
As mais dos homens na historia
Ficam: esta á excelsa gloria
Sóbe onde os Anjos estão.

De outra Maria da Gloria
Apprendi esta lição:
Gloria eterna e meritoria
Sómente uma existe: a gloria
Do coração.

III

VÉLAS NO MAR

Sonhos... Por que chorar os que se vão embora?
Outros logo virão, para se irem tambem;
Sonhos que vão... sonhos que vêm.

E' isto o nosso mar, em que vês barra a fóra
Sahindo, e entrando a um tempo, ás mil, em confusão,
Vélas que vêm... vélas que vão.

IV

TRADUZINDO UMA QUEIXA

O melhor dos amores dura um dia
Ou pouco mais; neste pequeno espaço
Todo elle cabe, todo se irradia,
Sem tristezas, sem pausas, sem cansaço.

Se vae além, das asas com que outrora
O fabularam, como fresca espuma
Bolha a bolha se apaga, de hora em hora
Vão-lhe as plumas cahindo pluma a pluma.

Se inda além vae, perde de todo as pennas,
Não vôa mais; adeus, alturas e astros!
Pisam-no aos pés em casa, vive apenas
Como animal domestico, de rastros...

MOLDE DE SEIO

Quando o Vesuvio, um dia, em Pompeia vasava
Fogo e cinzas, a escoria ardente se lhe atreve
De um cóllo de donzella a conspurcar a neve,
Surprehendendo-a a tremer, transida, numa cava.

O seio virginal, que meio nú se arcava,
Tocou, cingiu, sorveu num beijo, por que ceve
Toda a volupia. E assim o molde exacto e breve,
Resfriando, nos legou, feito de espuma e lava.

Vão-se imperios e reis, os bons como os tyrannos,
E inda hoje num musêu da Italia o mimo existe
Que o vulcão modelou, faz quasi dois mil annos;

— Obra de arte das mãos da bruta Natureza,
Á propria Natureza e aos seculos resiste
Nesse molde de cinza a fórma da Belleza.

S

Só a letra inicial, o S do nome della
Me ficou na memoria e ahi se move e agita.
Suzanna acaso? não. Acaso Serafita?
Sofia? Tambem não. Acaso Sylvia? Stella...

Não sei. Passou-me. Emtanto, esse S me revéla
A que se foi, reencarna-a e quasi a resuscita;
Dá-lhe as ondulações do seio que palpita,
Dá-lhe os soltos anéis da coma escura e bella.

Dá-lhe do corpo, como as vi, entre as cortinas
De uma sala de baile, as curvas serpentinas
Rebulindo-se á luz; dá-lhe a sinuosidade

Do vestido no longo arrasto... Em minha mente
Essas linhas subtis se esfumam suavemente
No S de um grande Sonho e um S de Saudade.

A ALMA E O CORPO

"Em muitas linguas as mesmas letras e syllabas tem o corpo, do que o porco" — BERNARDES, *Os ultimos fins do homem.*

... *Alma,* a qual se decompõe em *lama,* se lhe trocaes as letras.

C. C. BRANCO.

A ALMA

O meu desprêzo profundo
Dou-te. És, ó corpo, anagramma
Do animal pesado e immundo
Que se rebolca na lama.

O CORPO

Fatua, que divina chamma
Suppões possuir neste mundo,
Vê que perfeito anagramma
Formam tambem *alma* e *lama.*

NUPCIAS DE PRIMAVERA

Depois da chuva, estes lavados ares
Riem com a lua. Céo de primavera.
A sementeira de astros prolifera,
Brotam-lhe em chão de luz sóes aos milhares.

E' a hora dos noivados estellares
E mysteriosos. Qual de enorme anthera,
Chove um pollen subtil do azul da esphera.
Amam espaços, àmam terra e mares.

Todo o Ether vibra em lubrico arrepio.
Fundem-se almas em longo e apaixonado
Beijo; força imperiosa as move, a enchêl-as;

E do alto cae o luar fôfo e macio
Sobre estas nupcias, como um cortinado,
Todo lirios na barra e em cima estrellas.

A CRUZ DO ESCALVADO

Que triste, no sopé daquelle outeiro,
Fechada sempre, é a choça do Escalvado!
Lembrando sonho bom, cedo acabado,
Abre uma cruz os braços no terreiro.

Noiva infeliz alli golpe certeiro
Feriu, em meio ao baile do noivado;
Serviu-lhe de mortalha o véo nevado;
Nasce-lhe ao pé da cova um jasmineiro.

Hão de as flôres que abrir, a casta alvura
Imitar do vestido roçagante
Da morta, e os botões brancos da capella;

Nem mór preito lhe pede a vida obscura...
Descobre-te ao passares, caminhante,
E no teu coração réza por ella.

ÁS ANDORINHAS DE CAMPINAS

Andorinhas do céo de Campinas, viajeiras
Dos descampados do ar, na terra em que as palmeiras
São mais verdes e o azul mais diaphano, jámais
A tarde esquecerei em que vi, festivaes,
Sobre a vossa cidade e as arvores vizinhas
Voardes, buscando o pouso, ó leves andorinhas!

Das commoções do dia exagitado ainda,
Viva na alma sentindo impressa a imagem linda
Da Natureza nova em seus encantos, eu,
Ansioso esquadrinhava os recantos do céo
De onde devieis vir, e onde ás nuvens no Poente
Tingia entrado o sol de ocre e cinabrio ardente.

Que formosos que sois, crepusculos do Sul!
Franjados arrebóes — tendas do Sahara azul

Do Ether! luz a vasquear em somnolentos raios!
Vossos reflexos e demorados desmaios
Ao que extasiado os vê, nas retinas lhe vão,
Enchem-lhe os sonhos bons, descem-lhe ao coração
E accordam-lhe, banhando-o em sua claridade,
Desejo de inda os vêr e uma vaga saudade.

Eis já, porém, chilreando as primeiras de vós,
Hospedas do ar! e cem outras ahi vêm após,
Cem e cem, mil e mil. E errantes bando e bando,
Esquadrão e esquadrão, voltejando, trinfando,
Coalhando o céo, sombreando a tarde, sois, emfim,
Tantas em derredor, tantas por sobre mim,
Que por momentos eu, olhando-vos, supponho
Estar alli a vêr, como em extranho sonho,
De um roseiral plantado em jardim sideral,
De um grande roseiral negro, do roseiral
Da Noite, em rosas todo aberto nas alturas,
Uma a uma a cahir as petalas escuras.

Mas doce rumorar de vida, alegres vozes,
Confuso tatalar, fremir de asas velozes
Ouço, e digo entre mim reflectivo depois:
Almas que aqui vêm ter é o que em verdade sois,
Andorinhas do céo, almas dos que nasceram
Na cidade querida e exulados morreram
Longe della! Quem póde, olhos abrindo á luz,
Na terra onde do sol á flôr tudo seduz,
Vendo-te, os teus jardins e arrelvadas collinas,
Esquecer-te jámais, ó formosa Campinas?

Tambem de alguns a quem hospedes receber
Em teu seio quizeste e pesar em prazer
Lhes mudaste e em sorriso a lagrima ou gemido,
Nestas aves talvez torna reconhecido
O espirito, a lembrar a ventura fugaz
De horas, que todas viu se lhe escoarem em paz,
Repouso, lhano achego e serena alegria.

Possa eu como esses ser! possa minh'alma em dia
Que o coração me diz não vir longe, talvez,
Tambem aqui tornar, e vêr-vos outra vez,
Andorinhas do céo de Campinas! Vestida
De pennas como vós, os momentos de vida
Aqui vividos, possa acaso recordar!
Doudeje como vós na pureza deste ar;
Sobre a cidade e sobre as arvores vizinhas
Paire á tarde comvosco, ó leves andorinhas!
E comvosco no pouso á hora em que a noite vem,
Durma e sonhe feliz — andorinha tambem.

SUAVIDADE

(Amado Nervo)

Affiz-me ha tanto a assim viver penando
Que hei-de acabar tranquillo e sem queixume.
A minha dôr continua é como um gume
Que á força de cortar se vae gastando.

Torva ao principio, agora quasi leda,
Ella me segue pelo meu deserto;
Dos males o cilicio em que me aperto,
Foi de crina algum tempo, hoje é de seda.

Tristeza de hontem ora me fluctua
Vaga e do mundo vão foge os alardes;
Alguma cousa tem do fim das tardes,
Alguma do ether ou pallor da lua.

Cada vez mais singelo, ameno e lhano,
De minhas queixas o refrão semelha
Uma romanza desusada e velha
Arrancada ao marfim de velho piano.

Soltam-se de meus versos reluzindo
Aljofares e lagrimas radiantes;
Ninguem, vendo-as cahir como diamantes,
Sabe se estou chorando ou se estou rindo.

INVESTIDA

Saltêa o bosque redomoinhada de ventania.
— Velhas arvores, sois ao meu caminho estorvo,
Abaixo! abaixo! clama aos arrancos sob o céo torvo.
Descarrega, uiva e apupa. O pedrisco assobia.

— Abaixo! abaixo! E agora é tromba que quer num sôrvo
Tudo engulir voraz, torce-se, rodopia
E zune e silva. Rerange indomita a ramaria.
— Foge o guache, e o indayé, foge a trocal, e o corvo.

— Abaixo! abaixo! Mas falha o esforço. Recúa, passa.
Passou. Qual dantes era, a matta reapparece;
Todos os troncos estão de pé. Foi vã a ameaça.

Vôa uma ave a cantar, outra o seu ninho tece,
E vestida do fogo e sangue do arrebol,
Abre uma orchidea gloriosamente sorrindo ao sol.

VIVER...

Vivamos, como generosa
Quer que a vivamos a Vida.
Pergunta acaso aquella rosa
Para que foi nascida?

E a que além se está desfolhando,
Se valia a pena nascer,
Para ir murchando, murchando,
E morrer?

Pergunta o rio porque passa
Correndo, e a nuvem porque vôa
Passando, e a voluvel fumaça
Aonde vae, regirando atôa?

Pergunta o flócco erradio
Da paina, e a nevoa que se esvae,
Que é que os leva, e o fructo no estio
Porque apodrece e cáe?

Longe indagações e cuidados!
A Vida o exige. E assim
Passemos de olhos fechados
Sobre o que nella acaso é ruim.

Acceitemol-a qual nos veio.
Coberta de andrajos ou gala,
Ella a todos nos toma ao seio...
Examinal-a — é afeal-a.

VERDE

(Á Maria Amelia)

Verdes teus olhos são e de verde vestida
A quem te vê assim, tudo é verde na vida,
Verde é a luz, verde é o sol, a terra, o firmamento
Verde, e até verde é o sonho e o proprio sentimento
Verde. Quando te vaes, em verde claridade,
Doce e verde visão, verde é a tua saudade,
Tão verde que inda a quem o jardim encantado
Do Amor e da Illusão o tempo ha devastado,
Só de pensar em ti, a alma lhe reverdece:
Flora que parecia extincta, reapparece
E pompêa e flori, mais verde do que dantes,
Luzem as folhas, como esmeraldas brilhantes,
Um cheiro verde e bom de matto no ar se perde,
Tudo é viço e perfume. E tudo é verde, verde...

FORMIGUINHA

Desta velha janella exigua fresta
Elegeu por morada uma formiga.
Ao peitoril, como por praça antiga,
Sáe de passeio, a vêr o sol, em festa.

Foge ao menor rumor, lepida e lesta,
(Lembrando-me, permitte que t'o diga,
A almazinha que tens, querida amiga,
E que a todos se esquiva por modesta).

Se é surprehendida acaso e o tempo é estreito
Para tornar, fugindo, á frincha escura,
Subito estaca... nem um passo além!

E ruiva como a luz, e de mistura
Com a luz, na luz se some de tal geito,
Que estando á vista, não a vê ninguem.

FUMAÇA DE AGOSTO

Céo, montes, campos, quem passa
Nota, com pena ou desgosto,
Que a tudo encobre a fumaça,
Tudo é fumaça de Agosto.

Voltas

Vão bem com a minha tristeza
Os ares turvos de agora;
A alma que nos ares móra,
E' como a que eu tenho prêsa;
O rosto da natureza
Reflecte-se no meu rosto:
Tudo é fumaça de Agosto.

Póde, se é pequena a magua,
Da alma ao rosto em breve assomo
Transluzir fugace, como
A sombra do peixe na agua;

Mas se a dôr activa a fragua
Em que arde, ensombra-se o rosto,
Como o céo triste de Agosto.

Toda a alegria é fingida,
Todo o sorrir contrafeito;
Ao fundo da arca do peito
Gera-se tedio da vida;
Nada ao prazer nos convida
E desde a aurora ao sol posto,
Tudo é fumaça de Agosto.

LONGE...

Rebelde o animo sinto, ao vir com a idade
O anseio de estar só com o pensamento,
Contra o ruidoso humano ajuntamento,
A poeira e a vida inquieta da cidade.

Tanta oppressão! tanta incommodidade!
E abafado e encolhido em seu tormento,
O espirito a clamar-me, sederento
De ermo e amplidão: — espaço e liberdade!

Hei-de acudir-lhe um dia: em terras brutas
Sonho acabar, ás arvores sómente
Ouvindo e ás ventanias os rumores;

Sorva-me a solidão em suas grutas
E o meu ultimo canto alli rebente
Em raizes, em agua, em musgo, em flôres.

A GRANDE ESMOLA

(No Asylo Gonçalves de Araujo)

I

Nessa parte da Phrygia onde o Pactolo escôa,
Houve um rei a quem grato um nume galardôa
Concedendo-lhe obter o que peça. E que pede?
Que em ouro (de ouro á farta era a infartavel sêde)
Tudo em que às mãos puzer se lhe converta. E logo
Eis tudo em que as mãos põe a reluzir em fogo
E a soar, com a côr e o som proprios do ouro. Ouro é tudo.
Ouro é o seu regio manto, a purpura e o velludo,
Ouro é o leito em que dorme, a mesa á que se assenta
Ouro. Toda iguaria em ouro se apresenta;
Ouro é a agua que bebe em copos de ouro, e o vinho.
E eil-o, em tanta riqueza, humilhado e mesquinho!
Devora-o fome atroz, arde a sêde e o consome,
Não póde o ouro, que vê, matar-lhe a sêde e a fome,
Nem póde repousar, porque seu leito é um frio
Metal duro a luzir... Eil-o num desvario
Pelos paços a errar dias e noites, vendo
O ouro tudo invadir, — oh! supplicio tremendo!

— Basta! exclama, por fim, aos céos mandando um brado,
Basta! E como de um raio de ouro fulminado,
Róla em terra, a sentir do horrifico thesouro
Esmagal-o brutal o pesadelo de ouro.

II

Justo o castigo foi. O ouro ninguem o queira,
Como esse rei, que o teve a encher-lhe a casa inteira,
Só para o vêr brilhar, só para o goso seu.
Tome-se exemplo ao sol: o sol, em vindo ao céo,
Todo o que guarda e tem, generoso reparte
Em dadivas de amor mandando-o a toda parte.
Que plantazinha enferma ha ahi sem seu quinhão?
Que palude doentia ou apaulado chão,
Socava ou gruta, em que, na sua ignota magua,
Treme a sombra ou soluça exiguo fio de agua,
Não o sentiu benigno a lhe espargir á flux
O ouro dos raios seus em obulos de luz?
Vêde-o como de seu throno o espalha a mãos cheias
Sobre ribeiros nús e queimadas areias,
Vêde-o com elle a accender á cega pedra o olhar,
Com elle a fazer, fecundo, o campo germinar,
Com elle a empoar, cuidoso, á flôr mimosa o estame,
Asas á borboleta ou zumbidor enxame,
Com elle a adoçar a dôr do céo do escurecer,
Barras de sombra ou fumo ao longe a guarnecer
De rendado arrebol... Oh! piedade infinita!
Ao seu almo calor tudo exulta e palpita,
Vive, abençôa o Eterno! E ha millenios, assim,
Dando ao mar, dando á terra e dando ao céo sem fim
Com sorrir prazenteiro e seu reflexo louro,
Todo o seu ouro e amor, — o sol é sempre de ouro.

III

Assim como o do sol — ouro divino! seja
O dos homens! Deixae que em tudo bemfazeja,
O parta vossa mão com quanta dôr existe.
Levae-o á infancia pobre, á invalidez, á triste
Carecida velhice. O obulo é como um raio
De luz em sua noite. Almas piedosas, dae-o!
Irradiae compaixão! irradiae caridade!

IV

Só assim o ouro vale e das mãos do que o deu,
Sae, todo a reluzir qualquer cousa do céo,
Só assim, bem-estar propiciando aos que o ignoram,
Lagrimas a enxugar a palpebras que as choram,
Só assim, da miseria indo piedoso em prol,
O ouro dos homens póde igualar o do sol.

V

Tome-se o exemplo a este, a quem no amor, que o abrasa,
Dos sem lar e sem pão, devemos esta casa.
Pobre, viu desde cedo o que a miseria custa,
Tinha, porém, de heróe a tempera robusta,
E sahiu pela vida a batalhar. Trabalha,
Esforça, ganha, vence a homerica batalha.
E' opulento, é feliz. Mas o ouro que lhe presta?
Um dia, ao fim da vida, abre pequena fresta
O céo para deixar que amiga voz lhe fale:
— Homem, todo o teu ouro é nada ou nada vale,

Se o não cedes ao Bem. — Elle ouve e de improviso
Illumina-lhe o rosto espiritual sorriso...
— Desde hoje o que possúo, ó santa Caridade,
E' teu — diz — leva-o, dá-o á misera orfandade,
Veste-a, agasalha-a bem, e satisfeito expiro.

Seu espirito aqui paira neste retiro,
Nesta casa que é sua. A recordar-lhe o exemplo,
Entre as bençãos que inspira, amemol-o em seu templo!

A RAQUEL SAEÑZ

(AUCTORA DE "LA ALMOHADA DE LOS SUEÑOS")

De tua lyra nas têsas cordas fremem teus nervos.
Oh! essas cordas
Quanto has amado, quanto has soffrido nellas transborda
Teu coração.
E um canto novo chega aos meus ouvidos
Como uma aura de fogo, de gemidos
E gritos de paixão.

Tens o segredo de em breves phrases pôr todo um mundo,
Mundo latente
Que offega em sonhos e é todo chispas phosphorescentes;
Mundo interior
Onde ao pé de vulcões, templos, delubros,
Ha lagrimas e sangue e os cravos rubros
Do Desejo e do Amor.

Salve, Poetisa montevideana, cheia de graça!
Teu livro as horas
Ao que o lê doura-as, resplandecendo como uma aurora;
Aurora irmã
Da que enche os céos e nelles irradia,
És tu, em quem presinto o grande dia
Que has de ser amanhã.

LIBELLULA

Á flôr da agua do tanque ou da corrente
Vôa a fugaz libellula erradia
De asas de vidro e prata, á flôr sómente,
Que, como vivo espelho, arde e irradia;

Sómente á flôr... Que importa, refulgente,
Ao fundo algum thesouro lhe sorria,
Ouro haja, ou lama? Passa indifferente,
Folga, doudeja, toda se extasia

Á flôr... que isso lhe basta ao leve e brando
Vôo: trêmula e clara reflectida
Na agua acenando-lhe a illusão celeste.

Como que sabe, á flôr sómente voando
Que aprofundar as cousas, como a vida,
E' tirar-lhes o encanto que as reveste.

FLÔR DE CAVERNA

Fica ás vezes em nós um verso a que a ventura
Não é dada jámais de vêr a luz do dia;
Fragmento de expressão de idéa fugidia,
Do pelago interior bóia na vaga escura.

Sós o ouvimos comnosco; á meia voz murmura,
Vindo-nos da consciencia á flux, lá da sombria
Profundeza da mente, onde erra e se enfastia,
Cantando, a distrair os ocios da clausura.

Da alma, qual por janella aberta par e par,
Outros livres se vão, voejando cento e cento
Ao sol, á vida, á gloria e applausos. Este não.

Este ahi jaz entaipado, este ahi jaz a esperar
Morra, volvendo ao nada, — embryão de pensamento
Abafado em si mesmo e em sua escuridão.

ARVORE AMIGA

(Á Clorinda de Mello Moraes)

Flôr que nasceste ao pé de uma arvore gloriosa,
A sombra que ella dá para abrigar-te, gosa
E a fragrancia que tens, á ramagem lhe envia.
Abres cheia de viço; ella já vê seu dia
Transmontar; tudo em ti é anseio, é ebriedade,
Nella tudo é scismar, é lembrança, é saudade,
E se acaso ainda em flôr a copa se lhe estrélla,
E' por te vêr ao pé, tão mimosa e tão bella;
Vive de tua vida, e toda se resume
A alegria que tem, em sentir-te o perfume.
Oh! não a deixes nunca, a arvore amiga e bôa!
E hoje que em tôrno a ti mais um sôpro revôa
De primavera e brilha em tanta gala o espaço,
Tu, delicada planta, em apertado abraço,
Cingindo-a, ouve-lhe ao tronco a pulsação secreta:
Que diz? é a seiva? não! é sua alma de poeta,
Seu grande coração que, porque te aproximas,
Bate, arqueja, sussurra, e é lagrimas e rimas.

VESTIGIOS DIVINOS

(NA SERRA DE MARUMBY)

Houve deuses aqui, se não me engano;
Novo Olympo talvez aqui fulgia;
Zeus agastava-se, Aphrodite ria,
Juno toda era orgulho e ciume insano.

Nos arredores, na montanha ou plano,
Diana caçava, Acteon a perseguia.
Espalhados na bruta serrania,
Inda ha uns restos da forja de Vulcano.

Por toda esta extensissima campina
Andaram Faunos, Nayades e as Graças,
E em banquete se uniu a grei divina.

Os convivas pagãos ainda hoje os topas
Mudados em pinheiros, como taças,
No urrah festivo erguendo no ar as copas.

AVES NO POUSO

São aves que se recolhem
Para dormir seu leve somno.
Umas escolhem grimpas de arvoredo
E ahi ficam, como num throno;
Outras pousam mais baixo; outras escolhem
Baixando do ar,
Os penhascos do mar.
Inda conversam em segredo,
Asas agitam,
Piam, atitam...
Mas adormecem.

Horas suaves
As do repouso, ó aves!
Pudesse eu, como vós, tendo cansado
De tanto a um lado e outro lado
Andar, a ir e vir,
Tambem dormir!

VELHICE

Velhice! — "Amigo, diz-me um amigo,
Diz, e é verdade:
Sabe que a bôa idade é a ultima idade,
E és bem feliz de envelhecer commigo.
Poucos vingam o cimo em que ora estamos;
Arvores altas, não nos tóca os ramos
O sôpro máo que ahi em baixo as mais agita.
Bemdita e rebemdita
A idade austera e nobre a que chegamos."
Diz, e é verdade...
Mas que saudade
Das horas loucas da mocidade!

Velhice! — "Amigo, diz inda o amigo,
Diz, e é verdade:
Ha nada igual a esta serenidade?
Fóra de nós o amor tredo e inimigo,
Vemos que longe indomita rebenta
E róla em mar de nuvens a tormenta.

Tudo aqui em cima é paz, calma infinita...
Bemdita e rebemdita
Seja a velhice de paixões isenta!"
Diz, e é verdade...
Mas que saudade
Daquellas nuvens de tempestade!

DIA DE SOL

Um dia assim! de um sol assim!

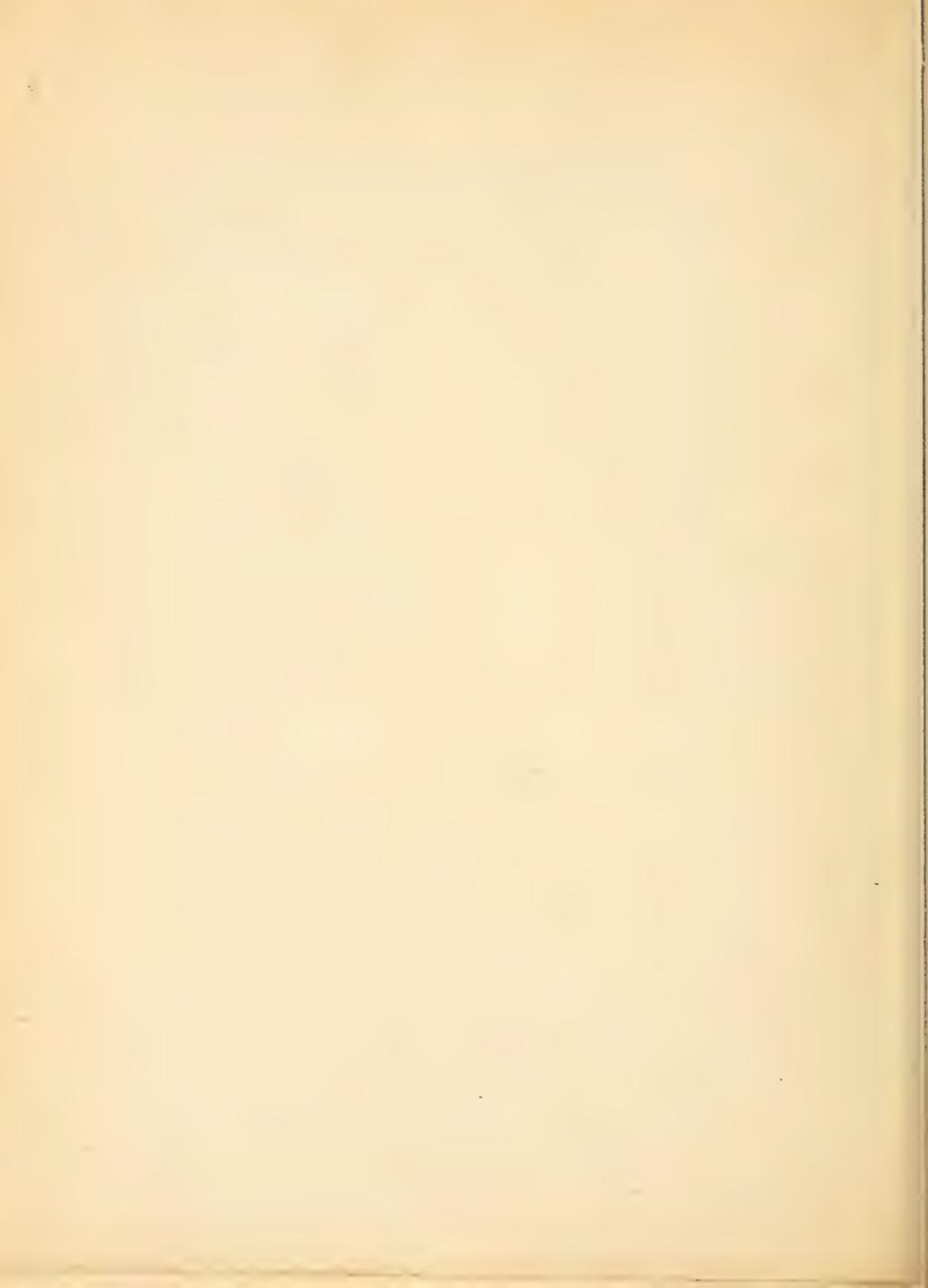
OLAVO BILAC.

O meu ultimo dia — ouvi-me, espaços,
Azul sem nuvens, sol glorioso e bello!
Seja assim como o de hoje, possa eu vêl-o
Assim dourado, luminoso assim!
Possa eu livres no leito ter os braços
Para acenar-lhe, agradecendo o goso
De sua luz, e adormecer saudoso,
Sentindo-a junto a mim.

Faça-me elle esvoaçar — quero-lhes tanto!
Ante os olhos o bando fugidio
Das borboletas; como em desafio,
Cantem-lhe estas cigarras de verão;
A alma da terra sôa no seu canto;
Quero ouvil-as na musica sonora,
E quando o canto lhes morrer lá fóra,
Morra-me aqui tambem o coração.

Morra... A tarde ao cahir me tome ao seio,
Seja-me o seu clarão camara ardente;
Vistam-me os esplendores do Occidente,
Setins do azul, purpuras do arrebol.
Morra... E antes de em sitio escuro e feio
Jazer, deixem-me um pouco socegado,
A dormir em meu feretro dourado,
Que é o meu dia de sol.

CHEIRO DE FLÔR

(NOTAS DE UM VERANISTA)

22 de Janeiro.

No alto, cintado de nuvens
Relampejantes, ao morrer do dia,
Emerge, sobranceiro a tudo, o pincaro
Da serrania.

Vejo-o daqui do hotel desta cidade
Onde cheguei ha pouco. Olho-o e medito.
Lá se ficou, toda incommodidade,
Com seu pó, seu calor e seus rumores,
A grande Capital; aqui, silencio, flôres,
O ar puro e este contacto com o infinito.

23 de Janeiro

Trovejou toda noite. Em rebramir que aterra,
Horriveis os trovões desde este alto de serra
Ao seu mais fundo abysmo abaixo retumbando.
Algum tempo fiquei o espaço em frente olhando,
Golpeado do clarão dos relampagos.
Ora

Chove. Que manhã feia! Espaireçamos fóra.

Chove, não cessa, não cessa o vento; de quando em quando
Trovôa; pelos varios declives, ás enxurradas,
As aguas descem de salto em salto, cantarolando.

Passam levados ramos e pedras, passam levadas
Folhas e flôres; á chuva os fios se entrecruzando,
São como teias de aranhas, fluidas e emmaranhadas.

Com mais violencia rasgam-se as nuvens em negro bando
E tudo molham, portas, janellas, varanda, escadas.

As aguas descem de salto em salto, cantarolando.

Entrei na sala de jantar. Jantava-se.
Homens, mulheres,
Crianças, *garçons,* tinir de pratos e talheres.
Olhei. Olharam-me.
Indagam quem eu sou provavelmente.
Eu ninguem vejo ou só, entre as mais, vejo uma hospeda
Que tinha em frente:
Cabellos côr de sol, alvo cóllo entre perolas,
Olhos, labios, nariz,
Tudo perfeito; mãos — lirios de cinco petalas,
Como em verso não sei quem diz;
Para que descrevel-a?
É bella! é bella!

24 de Janeiro.

Chama-se — ouvi-lhe ha pouco — Élena e não Helena,
Élena, á italiana,
Élena sem H.
Pobre letra! máo fado hoje a expelle e condemna,
Em tanto nome vae cahindo e é inutil já,
Que até o da mulher entre nós soberana,
Por ser tão bella,
Ficou sem ella.

25 de Janeiro.

Pia, grunhe, regouga, ulula o piano.
Ferve a dansa no hotel. Ao ruido insano
Do horrendo monstro juntam-se os rumores
Que vêm das salas e dos corredores.
Se não fôra o máo tempo, era remedio
Passear fóra, fugindo, a tanto tedio,
Mas chove, chove impertinentemente,
Continuamente, ininterruptamente.
Que noite vou passar, sem um amigo,
Sem distracção, sósinho aqui commigo,
Sem outrem com quem fale, eu que não danso,
Eu que não jogo, ouvindo sem descanso
Cahir lá fóra a chuva inexhaurivel
E aqui no hotel este barulho horrivel!

27 de Janeiro.

Fugindo aos estos do verão doentio,
Veio, mudando de ar, melhor saude
Beber nestes mil metros de altitude,
Onde ha um frio europeu em pleno estio.

Acha tudo isto insipido, sadio,
Talvez que mesmo poetico, mas rude;
Ás distracções que ha na cidade allude,
Lembra as amigas que deixou no Rio.

— Mas o calor? — Ora, o calor! nem tanto;
Viera porque seu medico o mandára.
E os olhos de saphira transparente,

Assim falando, têm o brilho e encanto
Que ha nas aguas azues de Guanabara,
Quando o dia é mais claro e o sol mais quente.

30 de Janeiro.

Em frente á della, a hospeda saudosa,
No salão de jantar me fica a mesa;
Sómente entre nós ambos ha uma ingleza
Sardenta e ruiva e uma senhora idosa.

E' de todas do hotel a mais formosa;
Não lhe diz de seu rosto o ar de tristeza
Com a côr do trajo, um dia azul turqueza,
Outro vivo salmão ou côr de rosa.

Dos braceletes o ouro em brilho quente
Morde-lhe com volupia os lisos braços,
Candido é o cóllo, onde ha uma cruz pendente.

Nem um senão no todo della existe.
E' bella. Em toda a sala olham-na a espaços
Moços, damas, anciãos... Mas porque é triste?

31 de Janeiro.

Fico-me de meu quarto a vêr pela janella
A noite, a escura noite, alta, estrellada e bella.
Repuxou sobre a calva o morro em frente, enorme,
— Barrete de dormir, — uma nuvem, e dorme.
Tudo jaz quieto, mudo, encolhido, parado,
Tudo repousa; sós, nos caminhos tranquillos,
Erguendo-se e cahindo, em revôo alternado,
Gemem os bacuráos, erram os vagalumes,
Phosphoreando. — Dormi... dormi... a aconselhal-os,
Trillam aqui, alli, num psiuh... baixinho os grillos.
Dormi... dormi... dormi... Uma tosse a intervallos
Sae de uma casa perto, entretanto, e uns queixumes.
Quem soffre? E' em meio á noite a alma unica desperta.
Mas psiuh! psiuh! mas dormi... dormi... lá tambem sôa
A mesma voz. Dormi... dormi... Estando á tôa
Uns versos a dizer sob a janella aberta,
Ouço-a por minha vez sahir de sob uns ramos:
Psiuh! dormi... psiuh! dormi... dormi...
Durmamos.

M. F.

2 de Fevereiro.

Veio para morrer neste alto; á mãe lhe ouvi
Que o caminho do céo fica mais curto aqui,
E' só um vôo, ou só questão de um mez, se tanto...
Tuberculosa, e só tem quinze annos! Magdala
E' seu nome. Falei-lhe. As sombras vespertinas
Lentas entravam já pela deserta sala
E desfiavam os sons de soluçado pranto
Fóra, tangidos do ar, uns pés de casuarinas.

3 de Fevereiro.

Vêr Imbuhy! Fomos vêl-a hoje, a cascata
Lentejoulada de estrellas,
Vestida de alvor de luar.
Sobre ella arbustos e arvores a matta
Inclina e a agreste acacia as amarellas
Flôres desfolha no ar.

O grosso rio alli, de três formado,
Precipita-se em tremenda
Quéda no abysmo sem fim.
Tece-lhe a espuma fôfo cortinado,
Como outro nunca viu de nivea renda
Leito nupcial assim.

De volta, esse docel alvinitente
Lembro, e áquella cujo rosto
Nessa excursão me sorri,
Ouço que o tinha ella tambem presente
E lh'o invejava na belleza e gosto
Á cascata de Imbuhy...

5 de Fevereiro.

Á hora do correio.
De quem será, pergunto a cada instante,
A carta que lhe veio?
Será do noivo? Terá noivo? amante?

Leu-a, depois no seio
Guardou-a, ao pé da cruz de ouro e brilhante;
Agora ledo e cheio
De gracioso sorriso é o seu semblante.

Ri-se, ri-se-me, como que a ventura
Querendo ou alegria, que ora sente,
Commigo se reparta.

Generosa amiguinha ingenua e pura!
Folgo tambem com vel-a assim contente...
Mas de quem é a carta?

7 de Fevereiro.

O meu ultimo pensamento
Hontem, antes de adormecer,
Não foram nem podiam ser
Os morangos que nos serviu o hotel sempre avarento.

Não foram dessa guerra assombros
Que se contam descommunaes;
Eu hoje dou a tudo de hombros,
Pouco me importam paz ou guerra, e não leio jornaes.

Não foi F. com o seu namoro,
E escandalosamente X
Aos beijos com... ao que se diz
Ou dizem-no alto e bom som os hospedes em côro.

O meu ultimo pensamento,
Fique bem annotado aqui,
Foi ella, o meu doce tormento:
Vinte vezes disse o seu nome — Élena! E adormeci.

10 de Fevereiro.

Élena é outra, Élena ri-se agora
Continuamente, e assim graciosa, ao vêl-a,
Rimo-nos, ri-se tudo em tôrno della,
Do riso seu á vibração sonora.

Ri-se na sala um busto, uma aguarella
E num quadro suspenso uma senhora
De oculos. Ri-se o espelho que a namora
E parece dizer-lhe: és bella! és bella!

Ri-se de cima a baixo o reposteiro
Que a viração refranze, e deixa em festa
Entrar das malvas da varanda o cheiro.

A luz do dia auri-azulado e lindo
Ri-se pela vidraça, e os vidros desta,
Inda foscos de orvalho, estão-se rindo.

11 de Fevereiro.

Passeamos juntos eu e ella
Toda esta tarde. Como é bella!

Luzem-lhe nos olhos, riem-lhe nos labios,
Cantam-lhe na fala, fremem-lhe no peito,
Saltam-lhe no sangue, lume, effluvio, encantos,
Attracção, mysterio, força, heroismo, gloria,
Os seus vinte e três annos...

CARNAVAL

11 horas da noite.

Á que alli soffre e cuja tosse rouca
Ouço da pobre mãe por entre o pranto,
Emquanto o hotel é todo festa, emquanto
Ha um galanteio e um riso em cada bocca;

Á que talvez nem possa a claridade
Vêr do sol de amanhã neste céo frio,
Um triste pensamento de piedade
Que antes de adormecer daqui lhe envio.

17 de Fevereiro.

Nunca lhe disse o que por ella sinto,
Nunca lh'o hei de dizer,
E digo-o a tudo, digo-o ao seu perfume
Que ficou por onde ella passa;
Disse-o a uma flôr que lhe cahiu do cinto
Na varanda, ao escurecer,
A um rude banco onde ella esteve, disse-o,
Digo-o, suppondo-os ser seu rir que esvoaça,
A toda borboleta ou vagalume;
Digo-o — ella é meu enlevo e meu supplicio!
Em calma ou em excitação,
Digo-o falando ou mudo,
Digo-o em sonho e accordado,
A tudo o tenho dito e o digo a tudo...
A ella, não.

18 de Fevereiro.

Não dormi. Ao relogio hora e mais hora
Ouço. Queima-me a febre, rinjo os dentes;
Saio de em meio dos lençóes ardentes
E escrevo, á ansia de amor que me devora:

Á Élena

Porque não tive o meu ser
Em teu ser, e em ti captivo,
Vida houvesse qual não vivo,
Vivendo de teu viver?

Porque não fui eu ao menos
Parte do corpo em que existes,
Nacar de teus labios tristes,
Alva dos olhos serenos?

Jaspe nessa bôcca em flôr,
Rubi nesse sangue ardente,
Idéa na tua mente,
Em teu coração — amor?

Tal o desejo cruciante
De ser teu, de pertencer-te,
De todos os dias vêr-te,
De tocar-te a todo instante;

De comtigo aqui, alli,
Onde te achares, achar-me...
Ah! que eu não possa annullar-me,
Sumindo-me todo em ti!

19 de Fevereiro.

Ha uma essencia que ella diz do Oriente,
Mas não lhe diz o nome ao que a prepara,
Caron, Guerlain, talvez... essencia rara,
Leve e subtil, embriagadora e quente.

Nunca a senti senão nella sómente,
Como se aos póros da epiderme clara
Lhe viera ou de si mesma se exhalara,
Qual a da flôr no matutino ambiente.

E' o cheiro della, della quando o passo
Lhe ouvimos, della quando acceita o braço
A alguem da sala e a rir-se os dois se vão;

Sei por seu cheiro ou descobrir acerto
Se está no hotel, se ausente, longe ou perto,
E sei até quem lhe apertou a mão.

20 de Fevereiro.

Noite de chuvas e ventanias.
Rajadas frias
Sibilaram, sibilam, sibilando
Passam — De quando em quando
No quarto a sós,
Em suas pausas ouço uma voz,
Uma voz triste, — lamentoso chôro
Longo e sonoro,
— Flebeis surdinas
De eoleas harpas...

São as casuarinas,
São as três casuarinas que alli em frente
Da casa onde agoniza a pobre doente,
Espectraes uivam, rumorejando plangentemente.

O chôro funeral das casuarinas!
Ficou-lhes este pranto com a investida
Das desapoderadas ventanias.

O longo chôro! Canto rarefeito,
Poeira de sons disseminada no ar;
Vae-se a alma, ouvindo-o, bate-nos o peito,
Ha uma saudade que nos faz chorar...

Accordam mortos, falam... "Ah! são ellas,
Diz a tuberculosa delirando,
São ellas, sim, tão pallidas e bellas,
Tão soffredoras, que me estão chamando!

São ellas, sim, esguias e franzinas,
Minhas irmãs, Olga, Fanny, Leonor..."
E olha pela vidraça as casuarinas
Espectraes, longas, a gemer de dôr.

— "Lá estão, são ellas!"
E na tarde fria
Acenam-lhe a chorar as casuarinas.

22 de Fevereiro.

Entrou na sala. Olham-no em roda
Os que alli estão, a sala toda:
—Quem é?
Fim de jantar; no centro, aos lados,
Homens, senhoras, uns sentados,
Outros de pé.

E' um rapaz lepido, franzino,
Com muito em si de feminino,
E até
Vistosas nalgas. Alvoroço
Entre as mulheres: —Lindo moço!
Quem é? quem é?

24 de Fevereiro.

Élena e o recemvindo hora e mais hora
Passeam fóra
Na varanda e jardim.

25 de Fevereiro.

Élena arrebatou-o
Ou elle a ella. Estão
Sempre juntos. Num vôo
Vão-se, como num vôo os passaros se vão.

26 de Fevereiro.

Vi-os juntos em passeio
A ponte ao rio transpôr;
Elle e ella ambos ao seio
Traziam a mesma flôr.

Vi-os juntos junto á matta,
Ao pé dos bambuaes sombrios;
Tornando á cascata. vi-os
Junto á cascata.

Oh! meu sonho de demente!
Oh! meu docel nupcial,
Rasgou-te ella de repente,
Como á nevoa o temporal!

Vi-os juntos! que cuidados
De um com o outro! que carinhos!
Vi-os juntos abraçados
Os dois sósinhos!

Vi-os! vi-os! mas pergunto
Agora, cahindo em mim:
E' mal andar-se assim junto,
Juntinho assim?...

Noite estrellada
Que daqui vejo de meu quarto, ansioso,
Dá-me teu calmo, teu sidereo goso,
Deixa-me olhar-te na amplidão sem fim;
Quero esquecer...

Mas não, não vejo nada,
Um ruido infernal me prende á terra,
Discute-se no hotel a grande guerra,
Um arenga, outro grita, um outro berra...
Como sonhar, com uma algazarra assim?

27 de Fevereiro.

Porque fui vel-a noutro dia a misera,
E hoje inda a vi outra vez?
Não se me apaga mais a sua imagem,
A sua pallidez,
O seu ansiar, como o de longa viagem.

Vi-a quasi asphyxiada em sangue; examine,
Á janella volvendo o olhar,
Pediu que a abrissem, para vêr o dia,
Pediu mais ar, mais ar!
Morria o sol. Ella tambem morria.

Deixando a enferma, sobrestenho o passo
Ao pé da ponte, e fico a vêr-lhe a fria
Agua parada, em que se espelha o espaço,
O azul e sombras do morrer do dia.

Que fim de tarde! em vascas luminosas,
Vae-se, agoniza. E' quasi escurecer:
Ha no ar da tarde o ar das tuberculosas,
O mudo espasmo das que vão morrer.

A tarde de hoje acaba assim, dolente,
Soffre, talvez, desmaia exangue assim...

Uma grande hemoptyse no Occidente
Todo o céo mancha, ensanguentando-o...

Vim
E achei vazio de hospedes o hotel.
Haviam todos ido
Em tropel
A vêr um destemido
Aviador que do Rio, em ascensão extranha,
Viera ter num só vôo a este alto de montanha

Toda a cidade agora enche-a um nome, um rumor:
O aviador!

No hotel, desde o jardim á sala e ao corredor
Não se fala senão na gloria do aviador.

E nas ruas e aqui dentro é o mesmo clamor:
O aviador! o aviador!

Hospedou-se entre nós o aviador. A ampla sala
Toda é um fragor de acclamações,

Morreu Magdala!

28 de Fevereiro.

Que cousa lugubre este sino!
Voltêa e tange, ulula e fala
No ar vespertino;
Morreu Magdala!

Morreu Magdala! E' como um hymno
Flebil ou prece que se exhala
Da voz do sino:
Morreu Magdala!

O ultimo som do sino echoou plangentemente
E morreu. Entro na grande sala:
Élena ri-se, ri-se-lhe em frente
Um grupo de homens a escutal-a
Toda tagarellice.

Élena ri-se, ri-se...

2 de Março.

(De uma carta)

....

E saberás que a pouco e pouco
Me fui deixando ir na corrente
Dêstes amores, inscio e louco...
Mas sobrestive, felizmente;

Recuei a tempo. Ella, em verdade,
Seduz, fascina com o fulgor
Que irradia da mocidade,
Toda é belleza e graça e amor.

Amam-na, e ella, amando e amada,
Vae-se por todos repartida;
Acho-a apenas meio estouvada
Ou meio doida, como a Vida.

3 de Março.

Élena convidou-me a ir vêr outra cascata,
Irão todos. Eu não; a que já vi me basta;
Baque em abysmo, espumarada, horrendo estrondo...
Para que vêr passar com as aguas tanto sonho?

5 de Março.

Diz-se — onde ha tanta gente,
Mulheres principalmente,
Tanta cousa se diz! — diz-se, ainda hontem ouvi-o,
Que Élena em largo vôo,
(O convite delle acceitou-o)
Só por só com o aviador vae regressar ao Rio.

6 de Março.

Mais cedo hoje me ergui que de costume.
Vinha clareando o dia;
Saio do quarto, entro no corredor:
Uma porta se abria
Proxima e vi um vulto — era o aviador —
Passar; passou, deixando o seu perfume,
O cheiro della pelo corredor...

O cheiro della, o cheiro seu de flôr!

8 de Março.

Passei fóra o dia. Almôço numa gruta.
Mesa feita de uma grande pedra bruta;
Agua como nunca ainda outra bebi
    Tão fresca. Alli,
Só com dois amigos, ambos lavradores,
Ouvindo-os e vendo perto arvores, flôres
E sobre ellas estonteado um colibri
    Ou borboleta; alli,
Longe do hotel, de seus hospedes, do insano
Vozear de crianças, do estafado piano
    E até de Élena, — alli
        Tudo esqueci.

9 de Março.

Noite má, sonhos máos vêm-me em tropel...

. . . .

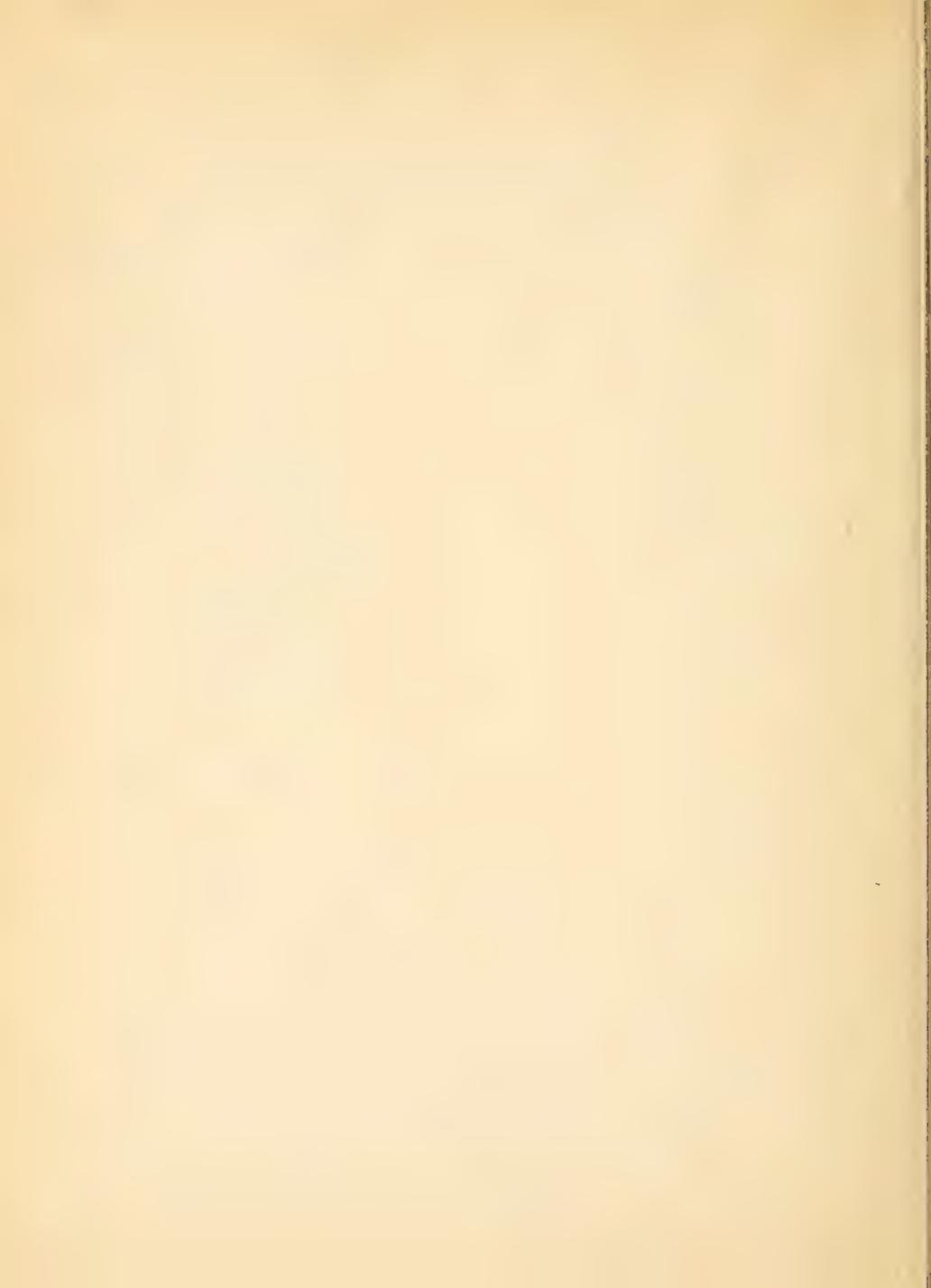
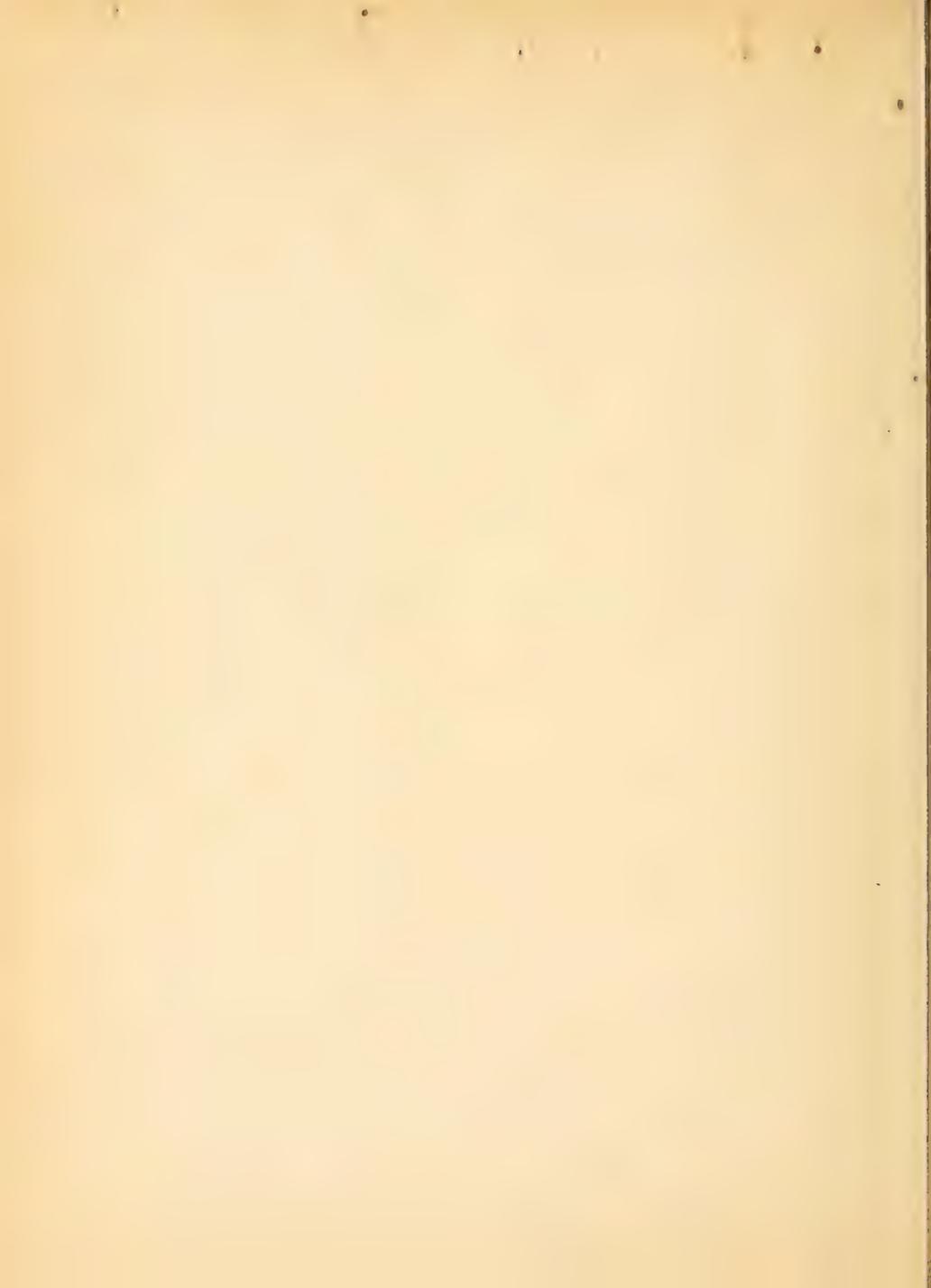
Chamam-me os meus negocios na cidade,
Onde os deixei. Basta de ociosidade.
Deixo amanhã o hotel.

10 de Março.

Deixei o hotel.

Fui despedir-me de Élena á sahida;
Interrompeu o riso breve instante,
Disse-me adeus, mas quando não ainda
De seus olhos distante,
Vi-a tornar á mesma alacridade,
Ria-se, ria-se, aloucada e linda.

No trem.
Embora a alma desilludida,
Enlevam-me a grandeza e formosura
Da serra. Vou descendo, vou descendo.
Da manhã aurirosea á claridade,
Tumultua em cada arvore florida,
Em cada pedra ou fonte,
Em cada abysmo, em cada gruta escura,
Por todo chão, por toda encosta e todo monte
A orgia dionysiaca da Vida.
Respirando estes ares,
Tanta belleza em tôrno olhando e vendo,
Vão-me fóra os pesares
Ou vão tambem descendo... Vou descendo.
Fica lá em cima o sol, o almo esplendor do dia,
Fica o riso, a festa, a alegria;
Tristeza ou magua é como o enxurro, é como a bruma,
Róla em baixo e é humidade e espuma...
Vou descendo. Já vejo o Rio, amplo horisonte,
Os morros de altaneiro
Cimo, casas, o oceano...

Vou descendo, descendo. Deslembrado
De Élena embora, subito seu cheiro
Senti: veio de flôr aberta ao lado
Da estrada, flôr de immaculada alvura;
Vi-a ao passar, sorriu-me — era tão bella!
        Lembrando a miniatura
        De veloz aeroplano,
Um besouro zumbia em tôrno della.

RUINAS QUE FALAM

Estanisláo, senhor que foi antigamente
Desde o rio Tanguá dez leguas ao nascente
De terras baixas, onde immensos cannaviaes
Ondulavam com o vento, e enxadas que no insano
Tresuado trabalhar move o braço africano
Reluziam ao sol quatrocentas ou mais;

Sem lavouras agora e entregues á ferrugem
As caldeiras de cobre e as machinas que rugem,
Desentrosado o engenho, ermadas as campinas,
Roto o açude, a abafar-se em mattagaes a terra,
— Pensativo phantasma, em mudos passos erra
No mudo casarão da "Boia-uaçú" em ruinas.

Dos escravos de outrora um só, como elle, enfermo,
Velho e inutil, ficou de sua vida no ermo

A acompanhal-o. Nem escravo nem senhor.
Sopraram-lhes aos dois os mesmos infortunios,
Igualando-os; o medo, em vagas fórmas, une-os,
Une-os a ancianidade, une-os a mesma dôr.

Noite de vento e chuva. Ambos os velhos scismam,
Num passado não longe olhos em magua abysmam,
Curva a cabeça branca e conturbado o aspecto;
E o silencio em redor quebra a espaços sómente
Nas portas forcejando a lufada inclemente,
E dos ratos o roer incommodo no tecto.

ESTANISLÁO

Que frio está! as mãos sinto-as enregeladas;
Aconchega-me o poncho. Ahi, pelas estradas
Ha morte ou roubo, ouvi um grito agudo...

ANTONIO

São
As corujas no engenho *(olhando fóra)*
E' tudo escuridão!

ESTANISLÁO

Antonio, ouve-me, vem, achega-te, mais perto,
Ouve: o salão alli deixaste acaso aberto?

ANTONIO

Não; porque, meu senhor?

ESTANISLÁO

Vou dizer-t'o. Olha bem:
Vês? ha um vulto lá dentro, uma figura, alguem...

ANTONIO

Nada vejo; ha-de ser, batendo na vidraça,
A sombra da mangueira.

ESTANISLÁO

Oh! que noite! e não passa.
Quanto tempo depois que o sol entrou, meu Deus!
E esta chuva, este vento e estes cuidados meus!
Se enche o rio e transborda e aqui chegando, arraza
Meus vazios paióes e esta arruinada casa!
Se as paredes allue! Este velho frechal
Não te parece que se dura o temporal,
Possa abater? Aqui tudo é caducidade,
Excede á minha idade, excede á tua idade;
Eu com um sôpro me vou, tu com um sôpro te vaes;
Tambem com um tempo assim, gastos materiaes,
Cujo cerne de ha muito ao bicho que o devora
Desfibrou, se fez pó, cedendo de hora em hora,
Toda esta construcção velhissima de avós,
Tremo só de o pensar! póde vir sobre nós...
Que estás tu para ahi a resmungar baixinho?

ANTONIO

Eu rézo, meu senhor.

ESTANISLÁO

Réza, pobre velhinho,
Rézarei eu tambem. *(ajoelha)*.

ANTONIO

Ó santa mãe de Deus,
Virgem que estaes nos céos...

ESTANISLÁO

Virgem que estaes nos céos...

Rézam, curva a cabeça, agora como em calma,
E rézando, até Deus uma alma sobe e outra alma.
Claro raio de fé lhes asserena o aspecto,
E a divina oração interrompem sómente
Nas portas forcejando a lufada inclemente
E dos ratos o roer incommodo no tecto.

ESTANISLÁO *(interrompendo-se)*

Que é isso? o mesmo grito horrivel de inda ha pouco!
Não, corujas não são; é talvez algum louco,
Alguem talvez que teve o que eu tive, e o perdeu,
E se pôz a pensar, pensou e ensandeceu;

Grita e ri o demente... Oh! mas que ventania!
Tão forte só me lembra a que incessante ouvia
Naquella noite em que Tersina em seu caixão
Vi de tochas cercada ahi dentro no salão
E ajoelhei ao seu lado até nascer a aurora...
Minha santa mulher!..

ANTONIO

Minha boa senhora!

ESTANISLÁO

Já vinte annos se vão! E esta ausencia e viuvez
Se hoje me affligem mais, é que hoje é a minha vez,
Quem sabe? Um temporal em meio á espessa treva
Levou-a deste mundo e outro agora me leva.
O terror que me assalta é o da morte, o terror
De estar só, de morrer orfão de seu amor,
Em casa ha muito morta ou tumulo com um vivo.

ANTONIO

Com dois vivos, meu branco e o seu velho captivo.

ESTANISLÁO

Dizes bem, somos dois num esquife, a pedir
Lhes caia em cima a tampa, e a tampa vae cahir,
E' soprar-lhes de geito um pouco mais o vento.
Se ella estivesse aqui neste horrivel momento!
Oh! mas que vejo, Antonio! olha, alli, no salão,
Vês? lá está! vês? moveu-se! acena-me com a mão...

Antonio

E' a parede com a luz dos fuzis...

Estanisláo

Ouço passos...

Antonio

São as folhas com o vento.

Estanisláo

E esse rum-rum a espaços?

Antonio

E' fóra, no jardim, de calháo em calháo,
O muro a desabar com a chuva...

Uma voz

Estanisláo!
Estanisláo!

Estanisláo

Meu Deus! chama por mim! é ella!
Minha mulher! lá está, branca, ao pé da janella...
Não lhe ouviste dizer meu nome?

ANTONIO

Eu nada ouvi.

ESTANISLÁO

O meu nome, tão claro! a voz lhe conheci!
Vae falar outra vez... não, vae-se embora... acena...
Vae-se... Foi-se! Talvez expie alguma pena...

Eis de subito um baque, alto e lugubre; echoaram
Salas e corredor. Os dois velhos se encaram,
Transidos de terror, prêsa a respiração;
Foi um como rolar de formidanda ruina
Ou o desabamento inopinado de uma
Torre de pedra e saibro a esboroar-se no chão.

ESTANISLÁO

Ouviste?!

ANTONIO

Ouvi, meu branco.

ESTANISLÁO

Ergue-te, vae, Antonio,
Vae lá vêr o que foi. *(sae Antonio)*
Anda solto o demonio,
Ah! se assim continúa o tempo como vae,
Neste ermo casarão tudo desaba e cae,

Pois tudo apodreceu, é tudo estragos; come
Suja praga damninha em sua afflicta fome,
Cupins, ratos, do chão ao tecto, sem cessar,
Quanto encontra; é um roer continuo e mastigar
Dia e noite. Esta casa inteiramente cheia
'Stá de um turvo chover de impalpavel areia,
Sotão, quartos, salões, escadas, tudo. E' o pó!
Signal de destruição, signal de ruina. E eu só!
Ruina tambem, eu só! esta idéa me aterra!
A aguardar, prêso aqui, role desfeito em terra
Tudo o que mais amei, para cahir tambem!
Mas meu unico amigo, o pobre Antonio, ahi vem,
São seus passos. Parou. *(chamando)*
Antonio! Antonio! Nada!
Oh! lá está outra vez a sombra! a mão alçada
Faz um gesto, a chamar... Que me quer? ai de mim!

A VISÃO

Estanisláo!

(Estanisláo encolhe-se tremulo, balbucia inintelligivelmente uma prece. A visão pouco a pouco se esvae.)

ESTANISLÁO

Emfim, desapparece!

(Vendo chegar Antonio.)

Emfim,
És tu, meu derradeiro e devotado amigo!
Novas de quietação possas trazer comtigo.

Então? fala. Que foi? que te embaraça a voz?
Fala, tua mudez é dolorosa e atroz!
Vamos: foi o paiol? o renque de senzalas?
A velha escadaria? ou alguma das salas?

ANTONIO

Branco, foi o torreão...

ESTANISLÁO

O torreão abateu!
Oh! meu torreão de pedra erguido para o céo!
Atalaia do engenho a lhe indicar o rumo,
E sacudindo no ar o seu pendão de fumo,
Glorificando o esforço, o meu trabalho e fé,
Do alto ao longe a clamar: — Lavradores, de pé!
Vinde o caldo provar, vinde assistir á moagem!
E a animar o trabalho e a palpitar com a aragem:
— Homens que a terra amaes, homens rudes, cantae!
Enxada e foice erguei! lavrae! semeae! plantae!
Enchei valles e céos de toadas africanas!
Cantae, carros de bois carregados de cannas!
Echos que repetis seu festivo rumor,
Caminhos que os levaes, cêrcas de espinho em flôr,
Varzeas e chans remexidas pelos arados,
Cerros e chapadões de cafezaes plantados,
Cantae! Fumega e atita a machina veloz,
Á tarefa! ao labor! — Com tua alegre voz,
Ó meu torreão de pedra, era assim que dizias!
Da Boia-uaçú, porém, acabaram-se os dias,
Um vento máo passou, tudo varreu, desfez;
Agora é tua vez e vae ser minha vez;

Cahiste, vou cahir... Mas que alli está e alveja,
Claro como com o sol a cal de alguma igreja?
E' um sudario, o lençol que me ha-de amortalhar?
Quem o trouxe, quem o estendeu neste lugar?
Agouro é por ventura, ou má lembrança tua?

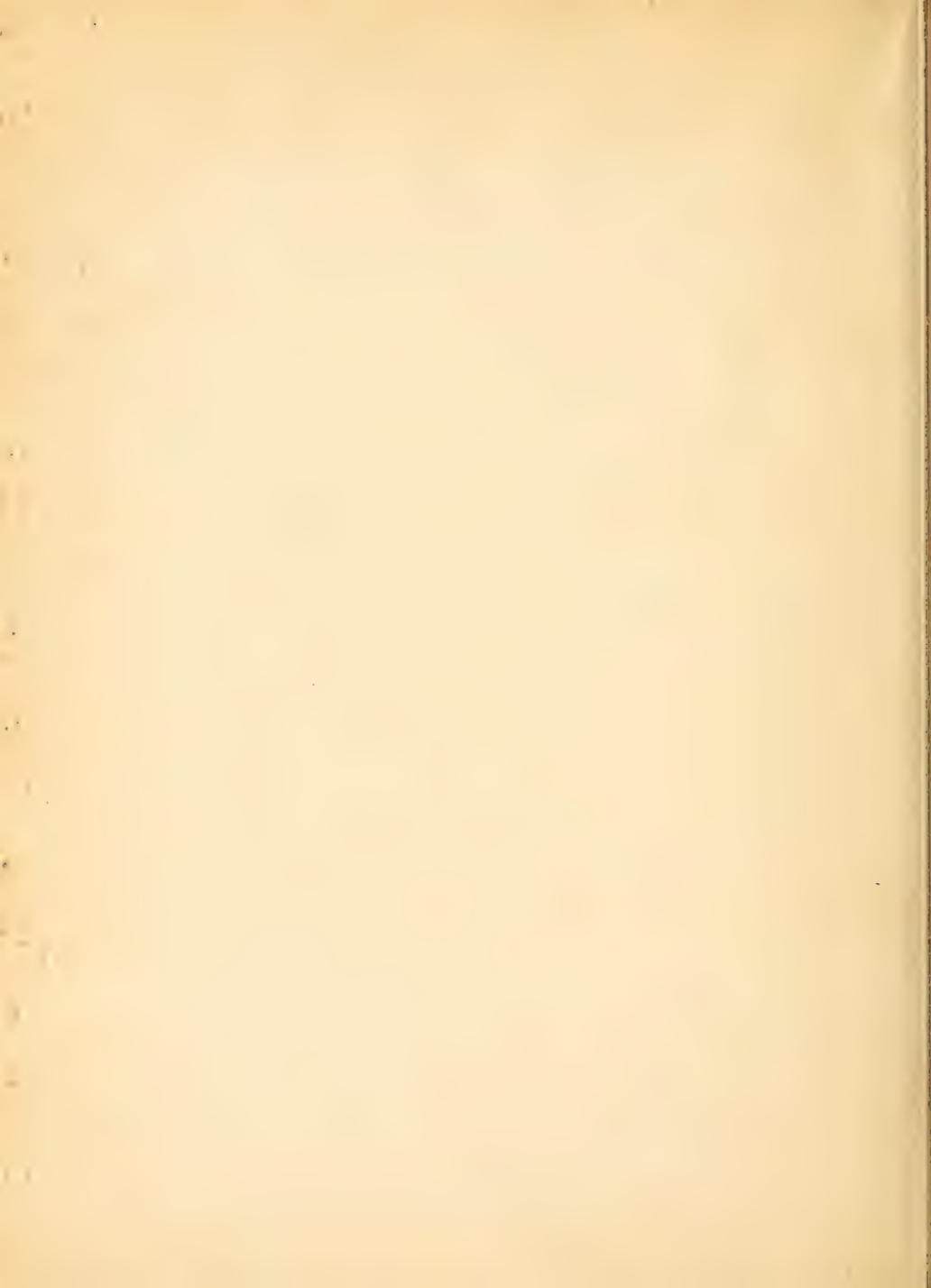
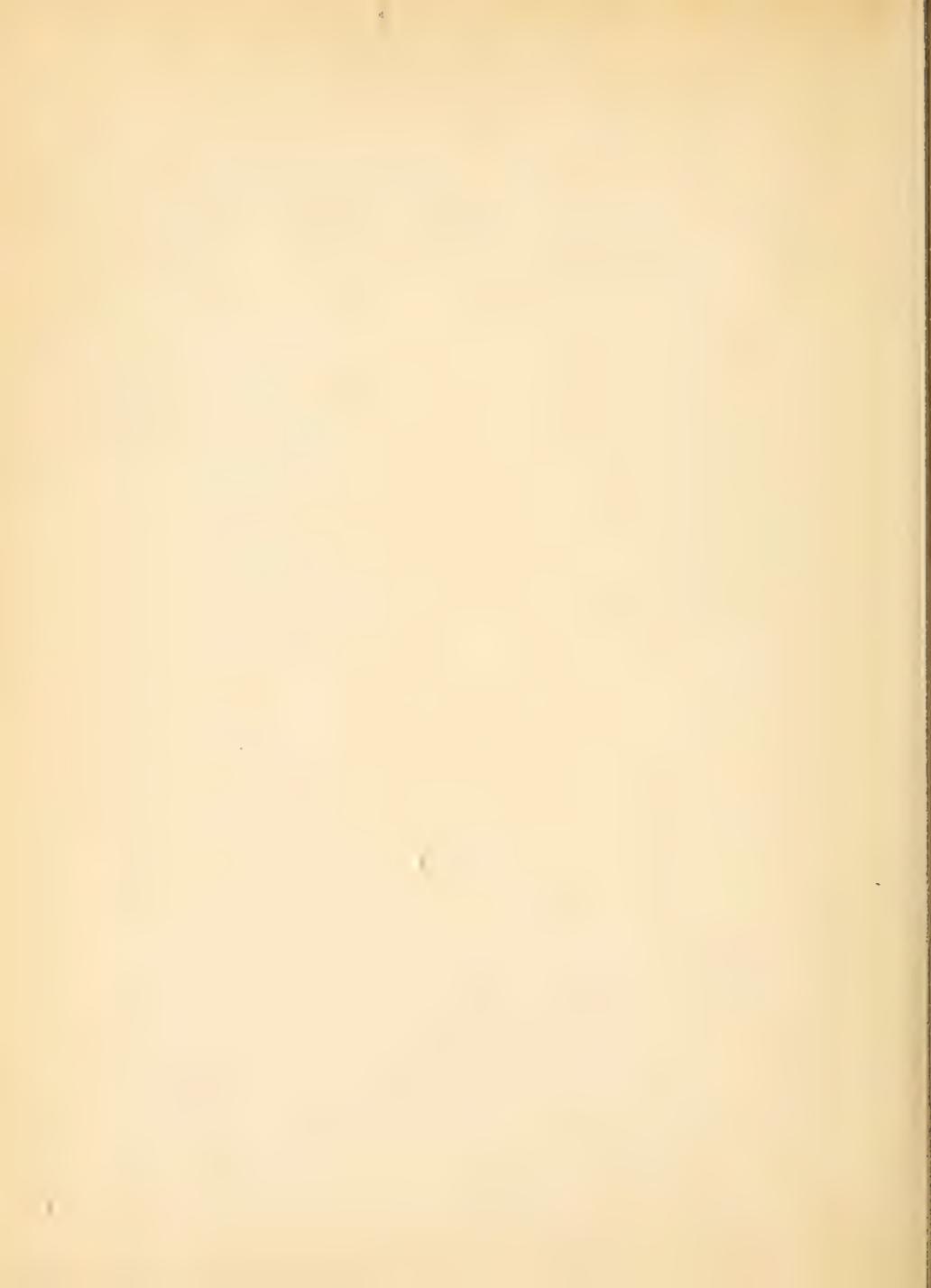
Antonio

Aquillo, meu senhor? a modo que é da lua...

Era da lua. A lua surge, desfazendo
O negrume do céo da noite, e peregrina,
Á rôta claraboia os vidros accendendo,
Salas e corredor do casarão horrendo
Com o seu frio clarão de hora morta illumina.

E incontaveis agora, ao seu prestigio e encanto,
São os phantasmas; um pela parede, além,
Sóbe, outro pelo chão arrasta o longo manto;
Qual se encosta a uma porta, aquelle sae de um canto,
Aquelloutro de lá de um aposento vem.

Aos dois anciãos alli cobre a larga mortalha
Do luar; livor de morte aos dois reveste o aspecto.
Foi-se o vento; silencio amplo em redor se espalha,
Só se ouvindo o chofrar da agua fóra na calha
E dos ratos o roer incommodo no tecto.

CAMARA ARDENTE

OLAVO BILAC

I

Em singular contraste, nesse dia,
Emquanto com a manhã nascente, a medo,
Os pardaes, que hoje os temos, no arvoredo
Accordavam, o poeta adormecia.

E emquanto elles trinavam de alegria,
Voando fóra no azul sonoro e ledo,
Arquejando em seu ultimo segredo,
Uma lyra estalava e emmudecia.

Mas dos pardaes os cantos um momento
Duram, com a aurora vêm e vão com a aurora,
E roto embora o orpheonico instrumento,

E morto embora o poeta — eterno bando
De aves gloriosas, pelos tempos fóra
Seus versos de ouro ficarão cantando.

II

Dae tempo á terra em que hoje o irão depôr,
E baixando-o ao seu seio e escuridade,
Ella tambem lhe saberá compôr
Grinaldas e corôas de saudade.

Sobre seu corpo, entre myosotis, ha-de
Brotos floraes semear de varia côr;
Em lirios sorrirá sua bondade,
E a sua alma de flôr em cada flôr.

Folhas de arbustos graceis e diversos
Lá, imitando em fremito lascivo
As folhas de seus livros, cantarão;

Fulvas abelhas, — zumbirão seus versos
E, palpitando ao sol com o sangue vivo,
Em rosas se abrirá seu coração.

III

Ainda, entrando embora á Sombra escura,
Brilha seu genio; ainda nos envia,
De espaço a espaço, em raios de poesia,
Os raios que enfeixou da luz mais pura.

E' TARDE em toda a extranha formosura,
Arrebóes, ancenubios, harmonia,
Esto, langor, que em chammas irradia,
Como um fulgor de sua sepultura.

Assim, em nossa terra, após o ardente
Morrer do dia e antes de despertares,
Clara no azul, Vesper desnuda e linda,

Reverbéra flammivomo o Occidente,
Um clarão de apotheose ainda enche os ares.
Embora entrado o sol, ha sol ainda.

IV

Troncos deixando e pedras da espessura,
Por ter melhor seguro o seu thesouro,
Ha uma abelha que os seus favos de ouro
Ciosa dentro do chão guardar procura.

Maravilha de cerea architectura,
Ahi prende o alveario, e o nectar fino e louro
Fabrica. Zumbe o alado fervedouro,
Lidando alerta na officina escura.

Assim tambem — abelha diligente,
Te aprouve nesta vida segregar-te,
Fugindo a glorias vans que em pouco estimas;

Tambem assim parece juntamente
Foste esconder na terra, com a tua arte,
O segredo do mel de tuas rimas.

V

Deixam no que escrevemos, patria e clima
Alguma cousa que os está mostrando,
Céo turvo ou claro, quente ou fresco e brando,
Terra infecunda e secca, ou farta e opima.

Vozes que têm, soam no verso e rima,
E vão nos varios quebros modulando;
Como de seu sentir parte nos dando,
Parte do que os anima, nos anima.

Por isso aos de tua alma outros encantos
Junta o ambiente, este azul e ares enxutos,
A gloria deste sol e seus ardores;

Por isso, qual mais vivo, ha nos teus cantos
Todo o sabor que têm os nossos fructos,
Todo o cheiro que têm as nossas flôres.

MELLO MORAES

I

De cem passos era o espaço
Entre a minha casa e a sua;
Minha rua e a sua rua
Ligavam-se num abraço.

Menor porém era o espaço
Entre affeição e affeição:
Não distava nem um passo
O meu de seu coração.

Fomos amigos vinte annos.
Entre ambos nós repartida
A somma de desenganos,
Pesava menos a vida.

Eu, sentindo-o assim tão perto,
De seu estro me aquecia.
Que peito o seu sempre aberto
Ao Bem, ao Sonho, á Poesia!

II

A Poesia! era a modesta
Poesia de nossa gente
Modesta e simples, que a mente
Lhe enchia de ardor e festa.

Era o sertão, era a sesta
Na rêde; e a viola e o cantor,
E os passaros, e a floresta,
E as "boas-noites" em flôr.

Eram as lendas selvagens,
O curso dos grandes rios,
Corpos nús, entre folhagens,
De indigenas fugidios.

Era o Brasil como ahi fóra
O vemos e ouvimos, grande,
Rude e bom, que ao céo se expande
E canta e sorri ou chora.

Era todo aquelle Norte
De azul e mais quente esphera,
Em galas com a primavera,
Em ascuas com o estio forte.

Era o Norte, onde nasceste,
Era o torrão de teus paes,
Tudo o que amaste e perdeste,
Meu velho Mello Moraes!

III

Escrevo-te estas quadrinhas
Esparsas ao modo teu
E ao modo das andorinhas,
Que andam esparsas no céo.

Solto-as aqui, como, quando
Te fui vêr em teu dormir,
Deixei sobre ti revoando
Algumas rosas cahir.

Que tristeza em tudo havia!
Não era a minha sómente,
Era a de tudo o que sente,
E vi chorar nesse dia.

Parecia-me que ainda
Tudo te estava a falar,
A tarde trigueira e linda,
Os môrros azues, o mar...

Nessa cova, pobre amigo,
Que o teu corpo agora encerra,
Um pouco de nossa terra
Ficou sepulto comtigo.

POBRE LUIZA!

Vae tu, que mal viveste o curto prazo
De uma illusão, ó alma combalida!
Vae descansar de tua grande lida,
Se é somno a morte, se ha descanso acaso.

Vae, aos adeuses dêste sol no Occaso,
Onde uma cruz a repousar convida;
Segréda-lhe o que foi a tua vida,
De teu infausto amor o triste caso...

Vae! Ninguem te entendeu esse mysterio
Em que abafavas lagrimas e dôres,
Sorrindo embora em tua desventura.

Se em flôres tens de abrir no chão funereo,
Que flôres tristes, que maguadas flôres
Hão de nascer em tua sepultura!

REGINA TAYLOR

Vi-a morrer. Entrava o sol e parecia
Dizer-lhe, penetrando a camara sombria:
— "Adeus! morro tambem! a minha claridade
Se apaga com o esplendor da tua mocidade;

Tua vida se esvae com a minha. A noite fria
Ahi vem. Adeus, Rainha! E' o teu ultimo dia!
Tão grande quanto fôr por toda a eternidade
O meu curso nos céos, será tua saudade!" —

E aquecendo-a com a luz do derradeiro raio,
Os aneis lhe beijou da coma esparsa e ondeante,
Halo ou régia corôa á fronte lhe accendeu,

Ansiou em seu ansiar, desmaiou no desmaio,
E o olhar no seu olhar, vendo-a no extremo instante
Morta, morta a sorrir, — em seu sorrir morreu...

M. L.

Esta não teve ao menos que a lembrasse,
Em vida, um verso meu. E era tão bella!
Foi o amor com que a amei, chamma fugace,
Vulcão represo e a calcinal-a — o della.

Um dia á sua alcova de donzella
Levaram-me. Sorriu... talvez chorasse.
Vi-a morrer. Vi-lhe entre as mãos a vela
Do extremo instante, e a desmaiada face.

Sem uma flôr onde ficou, repousa.
Aqui, lembrando a sua imagem pura,
Entre os longes da minha mocidade,

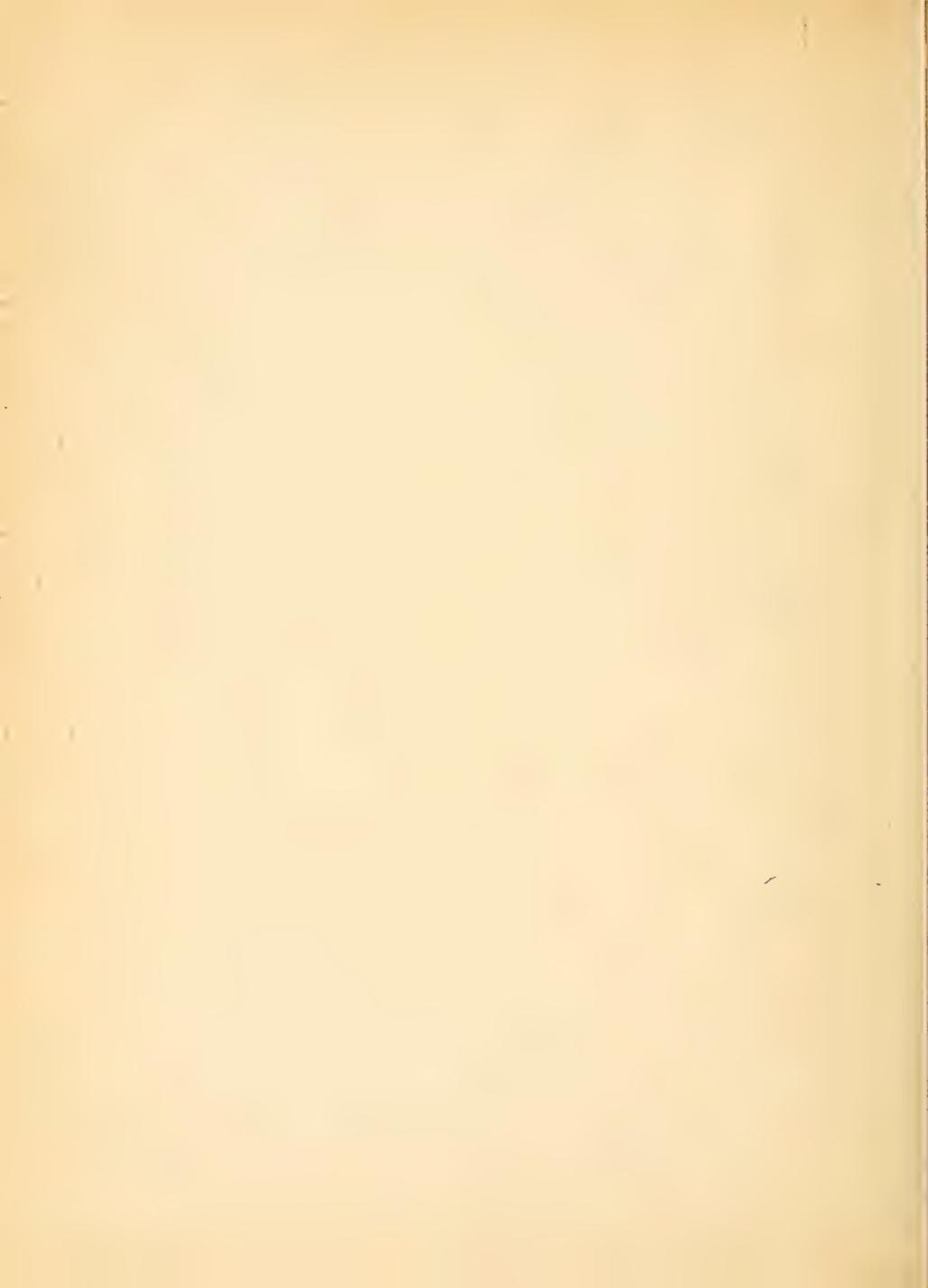
Deixo-lhe apenas, — como sobre a lousa
De modesta e esquecida sepultura,
As letras de seu nome e uma saudade.

IRENE

Orvalho? não; são lagrimas, luzindo,
Filhas de grande dôr, occulta e amara.
— Quando Irene morreu, vi na alta e clara
Esphera os anjos a adejar, sorrindo.

Mas estrellas e luar — e era tão lindo!
A terra e seus jardins, tudo o que amára,
Chorava, e chora... Orvalho, não. Repara:
São lagrimas. Estão ainda cahindo...

Choram-nas flôres e arvores; a aurora,
Ao despertar, chorou-as, e inda as chora;
Chora-as o vento em seu murmurio brando;

Em frio pranto fria nevoa desce,
Até as proprias pedras, que parece
Têm o coração duro — estão chorando.

ALMAS IRMÃS

Quando viemos, deixando a serra e outra cidade,
Habitar esta casa, em toda a majestade
De sua corpulencia, encontramos aqui
Duas mangueiras. Julho as orvalha e flori.
Com o vento da manhã mexem-se a quando e quando,
As bôas-vindas num meneio ambas nos dando,
Uma ao outão do norte, outra ao outão do sul,
Aquella como a altear-se em scismas para o azul
Menos forte e copada, a outra mais selvagem,
De tronco mais robusto e de maior folhagem;
Junto aos dois vegetaes pararamos os dois.
— Arvores lindas! disse eu, disse ella. Depois:
— Esta é minha, essa é tua — ouvi á companheira,
Á alma irmã da minh'alma, uma e outra mangueira
Com um gesto prazenteiro apontando-me então,
A do sul e a do norte, a deste e aquelle outão.

E nossa, como a casa era nossa e era dellas,
Ficaram sendo: á espreita, attentas sentinellas,
Guardavam-na em seu posto, olhando em derredor.
Seus dialogos de amor trazia-os eu de cór,

Como os nossos tambem ellas talvez ouviam,
Quando á manhã e á tarde em passeio nos viam
Pela chacara. Ao pé da minha, ao rumorar
Das ramagens, melhor apprendi a cantar,
Dando mais quebro á estrophe e um som novo e diverso,
E no seu balancear balanceando o meu verso.

Ao pé da sua, quem vi sempre ao pé de mim,
A alma irmã, á hora doce em que no azul setim,
Sobre o occaso, parece em vozes melodiosas
Anjos pairam cantando e ha um desfolhar de rosas,
Vinha rezar, abrindo a sua *Imitação.*

Bôas amigas! Sei que lhe ouvia a oração
A della, sei que a minha os meus versos ouvia...
E o amor que a tudo o nosso entre as duas havia!
Na força do verão cada uma é um docel,
O esto solar vedando ou mormaço cruel;
Á casa sombra fresca estende-lhe, e a ramagem
Toda em leques subtis dividida com a aragem
A bafejal-a está, ao clima acceso e hostil
Trazendo um ar da serra aos afflatos de Abril.
Sempre a olhar o horizonte, alerta, se mudava
O tempo, quem primeiro a tormenta annunciava
Eram ellas. Então era de ouvir e vêr
Toda folha a bulir-se e todas num ferver
De gigantesco enxame em seu sussurro grosso,
Asperas farfalhar em bravio alvoroço,
Como que a prevenir: ahi vem o temporal!
E este em se desfechando, os ramos cada qual
E' lança, é pique, é espada, é capacete, é escudo.
Forceja o vento, explue o raio, o embate é rudo,

Mas vencem afinal as arvores. Olhae!
Um epinicio aos céos de seus pincaros sae,
E vendo intacta a casa, ao sol que a beija agora,
De despojos embora o chão coberto, embora
Idos com a ventania os seus ninhos álém,
Como estão a dizer: Salvamos-te, inda bem!
E exultam com a victoria, a forte e a menos forte,
Uma ao outão do sul, outra ao outão do norte.

Mas a do outão do norte uma feita, no mez
De florir, não floriu; extranha languidez
Sóbe-lhe da raiz ao tronco e á ramaria;
A tudo alheia, a tudo abstracta parecia,
Mais que nunca voltada em scismas para o azul.
E emquanto em flôr pompeava a irmã do outão do sul
E era suave a estação e o tempo enxuto e lindo,
Começou folha a folha a esfolhar-se, foi indo,
Folha a folha murchou, folha a folha morreu.
Quando a outra se viu sózinha, olhou o céo.
Devia para lá ter ido a que vivia
Só de o amar, só de o vêr, só de o ouvir todo o dia,
Em sua ascese obscura. E no silencio e paz
Da noite interrogou: "E' lá em cima que estás?
Todo esse escuro tecto é tua fronde escura?
E esses pomos de luz, na chacara da altura
Pendendo em profusão, são teus fructos, irmã?"

Depois, quando, raiando em festas, a manhã,
E' tudo luz, a triste, ao seu lado, alli perto
Sentindo a solidão, vendo o vacuo, o deserto,
Toda se fecha e abafa um lamento de dôr.
O tronco enorme, a copa enorme é sem rumor.

Sonha, scisma a infeliz, em lembranças se perde;
De quando em quando ao chão — longa lagrima verde,
Uma folha lhe cáe... outra folha lhe cáe.
Ouvem-lhe um ai, revoando, os passaros; um ai
Ouvem-lhe, ao perpassar, as auras tristemente,
E o muro ao pé — seu mudo e eterno confidente,
E o tanque, e tudo em roda: Ai! diz ella, entre si:
Velha, inutil e só, que mais faço eu aqui?

Foste-te assim tambem, ó minha companheira
De vinte annos! Assim, como a tua mangueira
Deixando prêsa á terra a sua irmã do sul,
Só para o azul viveu, vivias para o azul,
E deixar-me tambem te aprouve. Enamorada
Do céo, déste-te ao céo.
Esta casa... e mais nada!
Todo o encanto, que nella havia, se desfez!
Succedeu-lhe ao sorriso e ao prazer, a mudez,
O doentio silencio, a tristeza que a invade,
E a tudo cobre um véo sombrio de saudade.
A viuvez do exterior! a viuvez do interior!
Como se casam bem uma dôr e outra dôr!
O arfar de um coração e um arfar de folhagem,
Uma imagem lá fóra e aqui dentro outra imagem!
E ao mesmo céo subindo uma voz e outra voz!
Sós — para o mais da vida e para a morte — sós,
Ó velha arvore! Sós! E até quando? até quando?
Indagamos, agora a um tempo interrogando
Tu, que tudo perdeste, eu, que tudo perdi,
Que mais fazes aqui, e que mais faço aqui?

SALVE, MARIA!

Salve, Maria! subiste Áquella
Que te esperava, que te falava,
Que te acenava na luz da estrella
Do fim do dia!
Vencido o transe de horriveis dôres,
Alças-te á gloria das grandes almas,
Cingem-te palmas, vestem-te flôres.
Salve, Maria!

Foi-te a existencia continuo anseio,
Uma saudade da claridade
Da immensidade do Céo, e creio
Te elle sorria
Nesse sorriso, que nos transporta
E todos vemos, fixo e brilhante,
No teu semblante depois de morta.
Salve, Maria!

Salve, Maria! salve! Parece
Que os sons divinos nos crystalinos
Céos ouço aos hymnos, em minha prece,
    Ouço a harmonia.
Depois de tantas horriveis dôres,
Alças-te á gloria das grandes almas,
Cingem-te palmas, vestem-te flôres...
    Salve, Maria!

SUA VOZ

Ha um canto cuja voz mysteriosa sómente
Me é dado ouvir e a ouvir estou continuamente,
Com o seu extranho, seu extra-terreno encanto.
Não vem de ave nenhuma o indefinivel canto
Nem o chora nenhuma harpa, violino ou lyra,
Nem humana garganta o modula ou suspira,
Nem sereia nem fada alguma — se as houvesse —
O dissera. Ha por elle um sussurrar de prece,
Roçar de asas em meio á etherea claridade,
Luz e palmas de altar; devoção e saudade.
De onde vem? Não o sei. Ouço-o ás vezes ao fundo
Dêste golfão do Céo, lá no além dêste mundo;
Outras vezes ao pé, sob uns palmos de terra,
E inda ás vezes em mim, dentro em minh'alma elle erra,
Passa, repassa no mais fundo e mais remoto
De meu ser, no inconsciente inviolavel e ignoto.
Oh! estremeço então, porque em sua harmonia
Reconheço a da voz que inda ha mezes ouvia,
Voz que a morte abafou ou talvez, num transporte,
Nas asas da oração se foi além da morte,
Voz qual nunca outra ahi houve e a que sómente igualam
Nos córos celestiaes a com que os anjos falam,

Voz de fluidos subtis finissimos tecida,
Voz a que eu embalei por tanto tempo a vida
E suppuz nunca mais ouvir. Torna-me agora
E traz-me, a diffundir-se em vibração sonora,
O sorriso que amei — alva do Paraizo
A emparaizar-me o lar — trazendo com o sorriso
Resurrecta ante mim, a mulher, o anjo, a santa...

E essa voz do interior nas profundezas canta.

EXPRESSÃO DE OLHAR

A expressão merencoria e derradeira
De seu olhar não ficará perdida.
Guardou-a o Céo. Lá, pela sementeira
De astros, nos campos do Ether desparzida,

Talvez nos raios pallidos a queira
Estrella nova, que á siderea vida
Accordou, e lucila a vez primeira,
Para scismar, para soffrer nascida.

Talvez, mais proxima, a deseje a Lua
Em seu morrer por traz dos altos montes;
Talvez, emquanto, ó Sol de occaso, ainda ardes,

Ella se estenda pelos horizontes,
Para, entre fumo ou cirrus, que fluctua,
Dôr e mysterio — entristecer as tardes.

DENTRO DO SONHO

Tanto de sonho lhe hão chamado a vida
Que por sonho eu a tenho e me convenço
Que tudo nella é sonho, breve ou extenso,
Pouco importa, querida.
Foi sonho aquella vez primeira que nos vimos,
A ultima sonho foi; sonho o primeiro abraço
Em que os dois nos unimos;
Sonho o dia em que tu entraste por meu braço
Num templo, e logo após na casa que foi nossa;
Sonho o vêr-me então moço e o vêr-te tambem moça ...
Vinte annos todos de felicidade!
E de improviso tudo acaba, tudo...
Mas esta dôr sem fim, esta saudade,
Aquelle golpe rudo,
Tredo e medonho,
— Devo-me conformar — não passou tudo
De um sonho que sonhei dentro do grande Sonho.

REDIVIVA...

(Ao Senador Indio do Brasil)

Desde que ella se foi para não mais voltar,
Foi-se e não tórna mais a alegria do lar,
Alegria que em mim, que em todos nós havia
E era um reflexo de sua alma e sua alegria,
— Claridade de sol, claridade do céo,
Ora extincto fulgor... Hoje que ella morreu,
Como um cégo tacteando, errante, as sombras, vivo,
E se em meu desespero acaso ha lenitivo,
E' o de evocar commigo a desfeita illusão,
O de encerrar-me só dentro do coração
E lembral-a, e suppôr, á força de lembral-a,
Que ella ainda vive, que lhe tórno a ouvir a fala,
Lhe tórno a vêr o olhar tão doce, que outra vez
Sou feliz e bemdigo a mão de Deus que a fez
E a encheu da graça e amor espiritual que tinha...

Comprehendo a tua dôr, julgando-a pela minha.

ANSIEDADE

Longe, o Occidente inda illumina
Entrado o sol. A noite ahi vem.
Pallida estrella vespertina,
Estás-me a olhar... Chamas-me além?

Extranho anseio me domina;
A alma quer-se ir... Aonde? a quem?
Prêsa á janella, arfa a cortina,
Buscando vôar... Alma é tambem?

Sóbe um incenso da collina,
Incenso ou nevoa... é um vulto? alguem?
Como que de anjos, em surdina,
Sôa uma prece, um Ave! e Amen!

Extranho anseio me domina,
Uma saudade... Não sei bem.
Hora do céo, hora divina,
Levas-me a ti!...
Leva-me além!

ONDE ELLA ESTÁ

Onde ella está... Porta escura
Que para onde acaso dá
Ninguem sabe, é a sepultura.
Ella a transpôz. Onde está?

— No Céo. Ella era tão pura!
Ouço no pranto aos de cá
Do lar em luto e amargura.
— Está no Céo! — Estará?

O Céo deve ser a altura
A que a alma ascendendo vá
Empós do bem que procura.
Promoção ao Bem. Será?

— Está — outra voz murmura,
Onde nada de quanto ha
Se perde; nova feitura,
Nova apparencia... — Estará?

Deixando a humana figura,
E a vida humana tão má,
E' luz, é estrella, fulgura,
E' perola, é flôr... — Será?

Onde ella está, quem o apura
E o sabe entre os homens? Ah!
A minha maior ventura
Fôra estar onde ella está!

FRUCTO DE CARDO

O coração, que ainda guardo,
E' hoje como em caminhos
Silvestres silvestre cardo,
Todo espetado de espinhos.

Veio da sazão florida,
E cedo a amor se entregando,
Amadureceu, amando,
— Fructo da vida, com a vida.

Apesar de má ventura,
Revezes e desenganos,
Passados já tantos annos
Inda lhe sinto a doçura.

Pobre coração! agora
Vem dôr maior opprimil-o,
Já me não pulsa tranquillo,
Já se desespera e chora.

E no meu peito onde o guardo,
Elle me lembra em caminhos
Silvestres silvestre cardo,
Todo espetado de espinhos...

ROSA MURCHA

E' tanta a dôr de viver
E a de morrer de tal sorte
Que, ignorando vida e morte,
Fôra melhor não nascer.

Voltas

Inda ha pouco reclinada
Em teu divan de verdura,
Sorrias rociada e pura;
Ora és murcha e esfarfalhada.
Nascer pela madrugada
Para á tardinha morrer,
Melhor fôra não nascer.

Vivendo, a sorrir embora,
Soffrias dentro em teu seio.
Pediste a morte, ella veio
E soffres de novo agora,
Morrendo inda soffres. Ora,
Se vida ou morte é soffrer,
Melhor fôra não nascer.

Dôr, minha dôr, agita-te em meu peito,
Mas não blasphemes. No Desconhecido,
No Além obscuro occulta-se o sentido
Do que parece iniquo ou imperfeito.

Ao erro sempre o espirito sujeito,
Érro, talvez, suppondo um bem perdido
O bem ha pouco desapparecido...
Tudo na vida deve estar bem feito.

Que sabe a sciencia nossa por ventura
Do que acima de nós ahi vae? Quem póde
Vêr sobre a morte, ao fim de tantos males?

Dôr, abafa teus gritos de loucura,
Á razão que te chama, attende, acode,
Ou se sentes de mais, chora... não fales.

A CASA DA RUA ABILIO

A casa que foi minha, hoje é casa de Deus.
Traz no tôpo uma cruz. Alli vivi com os meus,
Alli nasceu meu filho; alli, só, na orphandade
Fiquei de um grande amor. Ás vezes a cidade

Deixo e vou vêl-a em meio aos altos muros seus.
Sáe de lá uma prece, elevando-se aos céos;
São as freiras rezando. Entre os ferros da grade,
Espreitando o interior, olha a minha saudade.

Um sussurro tambem, como esse, em sons dispersos,
Ouvia não ha muito a casa. Eram meus versos.
De alguns talvez ainda os echos falarão,

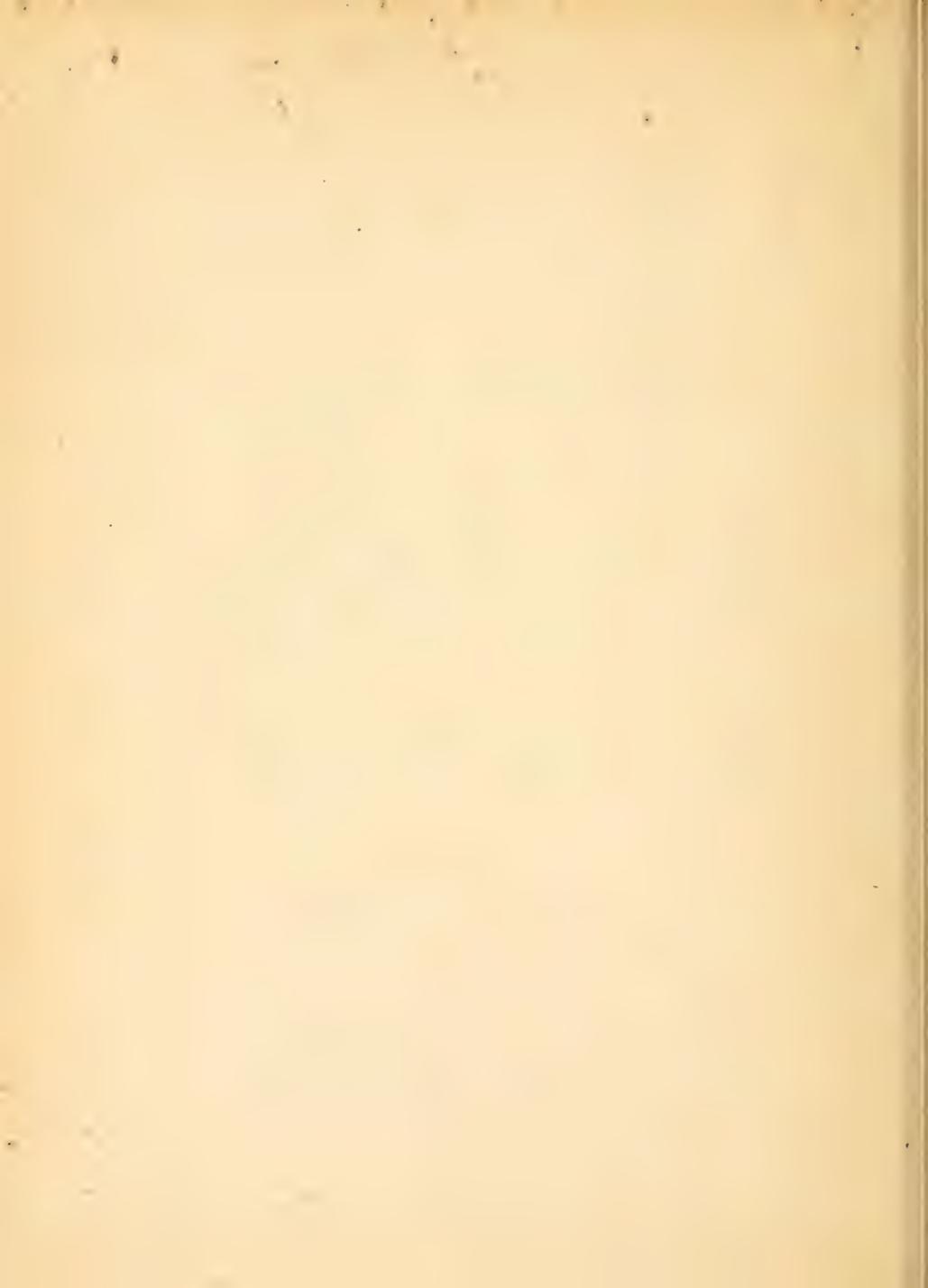
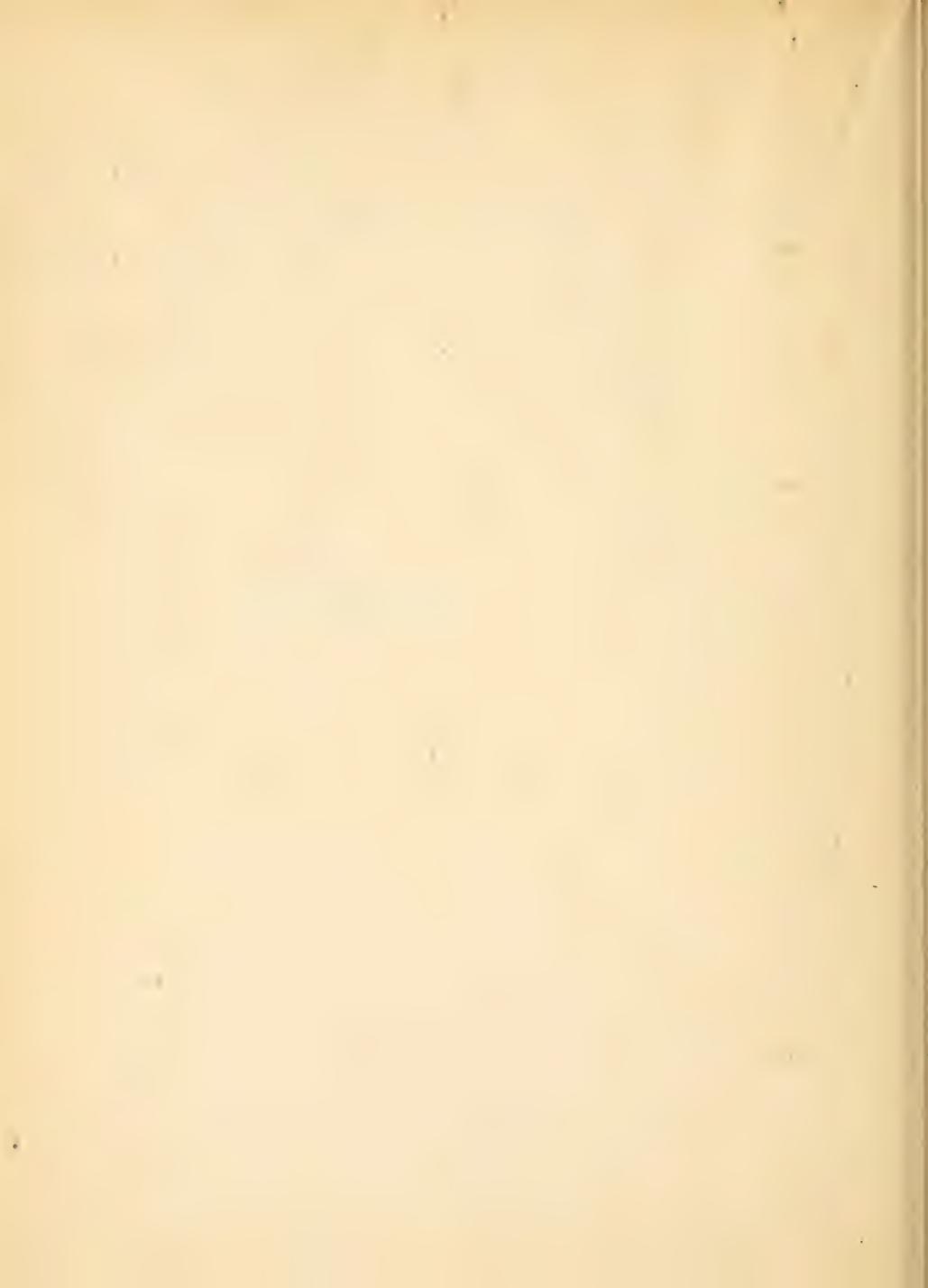
E em seu surto, a buscar o eternamente bello,
Misturados á voz das monjas do Carmelo,
Subirão até Deus nas asas da oração.

EXCELSITUDE

Chegaste onde chegar nem póde o pensamento.
Eu que te vi partir, eu me deixei sósinho
Ficar, amando ainda este chão de caminho,
Onde ha a pedra, onde ha a serpe, o tojo, a chuva e o vento.

Prenda-me agora, mais que a terra, o firmamento;
O que inda ha por soffrer, soffra, a falar baixinho
Com as estrellas; rasteje humilhado e mesquinho
Aos pés de cada altar; só meu goso e alimento

Seja a oração; deserte o mundo; ermado e triste,
Viva só para a Fé, e ai! só para a Saudade;
Nunca me hei de elevar á altura a que subiste!

Nunca mais te hei-de vêr! Entre nós ambos corre,
A extremar-te de mim, a tua eternidade,
A extremar-me de ti, tudo o que é humano e morre.

RAMO DE ARVORE

A Aloysio de Castro

Raio ou vento em velha arvore algum dia
Faz que do tronco um ramo apenas reste,
— Verde farrapo de que se reveste
Quem de amplo manto ha pouco se cobria.

No alto, sem gloria, dos irmãos que havia
Este a gloria relembra, e a copa agreste
Que balançava para Leste e Oeste,
A farfalhar em barbara harmonia.

Um ramo assim de planta assim ferida
Dou-te, um sómente. Se lhe falta vida,
E' que o tronco tambem já vae cansado;

Os mais, e acaso flôres, não te importe
Nestes meus dias máos saber que sorte
De raio ou vento m'os terá levado.

CATTLEYA

Só de anno em anno, em Março, a flôr punicea ostentas,
Gemma do escrinio teu, gloria do eden floral.
De teu surdo labor de horas tantas e lentas,
Obscura artista e mãe, eis o premio afinal!

Déste-lhe, haurindo-a do ar, seiva com que a alimentas;
Rôxo-rei e azarcão pisando no teu gral,
Pintaste-a. Ri-lhe o sol nas petalas sangrentas
E o rendado lhe aviva ao labello triumphal.

Ó mimo de arte e amor, em que de arduo trabalho
Inda rebrilha o suor nestas gottas de orvalho,
Olho-te e invejo ao teu perianto a fórma e a côr...

Pudesse a inspiração, que na minh'alma ansêa,
Tarda embora tambem, verso a verso, Cattleya,
Na expressão que lhe busco abrir como uma flôr!

NEVOA E SOL

Ia empós de neblina fugidia,
Aqui, alli, correndo o sol nascente,
— Como o versudo deus concupiscente
A nayade ladonia perseguia. —

Ella occultava-se, elle a surprehendia,
Para vêl-a occultar-se novamente,
Elle — raio de luz, sempre mais quente,
Ella — nevoa fugaz, sempre mais fria.

Um sôpro a leva, leva-o seu desejo;
No monte a alcança, emfim. Beija-a, mas logo
Em crystallino orvalho a vê mudada.

— "Ah! — exclama — perdôa-me este beijo,
Que assim te converteu com o ardente fogo
Em lagrimas, em neve, em agua... em nada!"

VAGALUME

Como te vaes, noctambulo vivente,
Errando a medo e a sós pela espessura,
Vou eu tambem por minha selva escura,
Que mal de em tôrno a vista me consente.

Guia-te externa luz phosphorescente,
Interna luz a mim, tranquilla e pura;
Tu de um bem, que antevês, vaes á procura,
Buscando um, que perdi, vou igualmente.

Peço e pede commigo que serenas
Horas, propicio sempre, o céo nos traga;
Passem longe infortunio e ventania.

Em meio á escuridão e a tantas penas,
Ai de ti, se a lanterna se te apaga!
Ai de mim, se a razão não me alumia!

CRESCENTE DE AGOSTO

Altêa-se no azul aos poucos o crescente,
O ar embalsama, os cirrus leva, o escuro afasta;
Vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta
E emborca a urna de luz nas aguas da corrente.

Na escumilha da têa, onde a aranha indolente
Dorme, feita de orvalho, uma perola engasta.
Faz aos lirios mais branca a flôr setinea e casta,
Mais brancos os jasmins e a murta redolente.

Faz chorar um violão lá não sei onde... (A ouvil-o,
Na calada da noite um não-sei-quê me invade)
Faz que haja em tudo um como extranho espasmo e enlêvo;

Faz as cousas rezar, ao seu clarão tranquillo,
Faz nascer dentro em mim uma grande saudade,
Faz nascer da saudade estes versos que escrevo.

A ALMA DOS VINTE ANNOS

A alma dos meus vinte annos noutro dia
Senti volver-me ao peito, e pondo fóra
A outra, a enferma, que lá dentro móra,
Ria em meus labios, em meus olhos ria.

Achava-me ao teu lado então, Luzia,
E da idade que tens na mesma aurora;
A tudo o que já fui, tornava agora,
Tudo o que ora não sou, me renascia.

Resenti da paixão primeira e ardente
A febre, resurgiu-me o amor antigo
Com os seus desvairos e com os seus enganos...

Mas ah! quando te foste, novamente
A alma de hoje tornou a ser commigo,
E foi comtigo a alma dos meus vinte annos.

O CAMINHO DO MORRO

Guiava á casa do morro, em voltas, o caminho,
Até lhe ir esbarrar com as orlas do terreiro;
Dava-lhe o doce ingá, rachado ao sol, o cheiro,
E um rumor de maré o cafesal vizinho.

Quanta vez o subi, buscando a um guache o ninho,
Ou, saltando, o desci com o regato ligeiro,
Para voar num balanço, em baixo, o dia inteiro,
E vêr girar, zonzando, as asas de um moinho!

De Setembro até Março uma colcha de flôres
Tapetava-o. Reluz-lhe em poças de agua o céo;
Das folhas sobre o saibro os orvalhos escorrem...

Mas morreram na casa, em cima, os moradores,
Morreu, cahindo, a casa, o moinho morreu,
O caminho morreu... Até os caminhos morrem!

FIM...

(Perspectiva lunar)

Noite que desce. Alvor de lua
Entre nevoas. Deserto illimitado.
Longe, em estrada immensa e núa,
Vão duas sombras lado a lado.

Primeira sombra:

Sós! como em nossa noite de noivado!

Segunda sombra:

E' que o noivado continúa...

Primeira sombra:

Olha estas brumas...

Segunda sombra:

Niveo cortinado.

PRIMEIRA SOMBRA:

Dize — mortalha que fluctúa...
Vê as nossas cabeças que branquêam...

SEGUNDA SOMBRA:

E' que as pratêa o luar, do espaço.

PRIMEIRA SOMBRA:

Chega-te a mim. A solidão me assombra!

Hesitam, pavidas ansêam,
E conchegadas num abraço,
Fundem-se as duas sombras numa sombra.

ALMAS SOFFREDORAS

I

A FUMAÇA DA FABRICA

Em escuro pendão, da fabrica a fumaça
Sóbe, e fala, talvez, ondeando no ar vazio:
— "Bello é o trabalho, mas a recompensa é escassa
E escasso é o pão, o lar é pobre, e ha fome, e ha frio...

Dêstes malhos brutaes mesclado aos echos passa
Um gemido de dôr; a cada rodopio
De polés ou moitões uma queixa se enlaça,
E uma supplica aos céos, dalli partida, envio.

O fogo de onde vim, ahi dentro, em cada rosto
Resalta amargo transe, alumia um desgosto...
Com que vagar, porém, hoje me aprumo e elevo!

Extranho mal-estar, como um torpor, me invade...
Deve ser deste ar frio o pêso da humidade,
Da humidade... se não das lagrimas que levo."

II

O FERREIRO

Dizem que é furia de vingança aquella
Em que lida o ferreiro, e não descansa;
Odiento nome acode-lhe á lembrança,
E a imagem da mulher perfida e bella.

Pensando a um tempo "nelle", o monstro! e nella,
Trabalha e, trabalhando, urde a vingança.
Como seus olhos, mil faiscas lança
A forja, e a noite da officina estrélla.

Rijo como o seu braço (Ah! se elle a casa
Me torna! ruge com sombrio aspeito)
Rebate o malho na bigorna bronca;

Como seu sangue — clarão quente abrasa
Tudo alli de redor; — como seu peito,
Inchado e enorme o folle arqueja e ronca.

III

TIO PEDRO

No grosseiro trabalho envelhecido,
Não se lamenta, não, do officio ingrato
O que alli vês quasi sem pão nem trato,
Da pedra bruta com a explosão ferido.

Mal um suspiro a espaços ou gemido
Lhe escapa. Scisma... o olhar vaguêa, abstracto.
Sorri-lhe a mulher morta no retrato
Ao pé da cama, na parede erguido.

Vem-lhe a filha beijar a mão callosa;
E elle, o alvião olhando posto ao lado,
Absorve-se a pensar na hora bemvinda,

Em que, sahindo, á luz do sol, radiosa,
Ha-de á pedreira hostil, suando esforçado,
Dar novo assalto, e escavoucal-a ainda.

IV

VIDRAÇAS OPPOSTAS

Quanta vida, com o sol, nestas vidraças!
Claras vidraças, ouro e pedrarias!
E as que defronte estão, como doentias
Parecem, de tão tristes e tão baças!

Daquellas através se os olhos passas,
Conforto notarás, festa, alegrias;
Através destas, se lá dentro espias,
Verás miseria, privações, desgraças.

Naquellas cresce á noite o brilho ardente.
E' o baile. Ao piano, em canto apaixonado,
Voz feminina os corações transporta;

Nestas, não raro, arde uma luz sómente:
A de uma exigua véla posta ao lado
De um velho enfermo ou uma criança morta.

V

SORRISO DE AGUA

O velho poço, atraz da casa, é sepultura
Do filhinho, que, num descuido, noutro dia
Ahi rolou. Foi vêl-o, ou vêr se acaso o via
A pobre mãe, chorando em sua desventura.

Olhou, chamou por elle (aquella bôcca escura
Que o havia sorvido, a nada respondia)
— Agua má, engulindo as lagrimas, dizia,
Dá-me o meu anjo! — Abriu-se um resplendor na altura.

Um sôpro acariciou as ramagens em tôrno;
Do dia em seu fastigio um reverbero morno
O poço illuminou de inusitado brilho:

E oh milagre do amor de mãe, do sol, e vento!
A agua não é mais agua, é luz e movimento,
Toda é um claro sorriso — o sorriso do filho.

POETA SERTANEJO

Este obscuro passou, sem nunca haver deixado,
Empós de um sonho vão, a terra em que nasceu.
Como inglorio, por lá, nos campos o avinhado
Canta e morre a cantar, inglorio assim, morreu.

Seu canoro instrumento em surdo som maguado
Estalou. Sob a cruz de estrellas deste céo,
Tão bello ahi fóra, jaz em tumulo ignorado,
Só das féras sabido, o sertanejo Orpheu.

Mas não morreu seu canto. Anda em livros o nosso
E o lêm homens; o delle, entre rios e flôres,
Luar ou sol, num soluço a repetil-o estão

As aves, o fremir do vento, o ruido grosso
Das cachoeiras da serra e com os mais trovadores
O arrastado gemer das violas do sertão.

PALMEIRAS E BAMBÚS

Vêr as nossas palmeiras com os altivos
Caules a prumo sempre e sobranceiras,
E vêr — tão differentes das palmeiras!
Os bambús mesureiros e lascivos!

E hontem assim, mudando o tempo, vi-vos,
Vegetaes! Viera a chuva. Almas rasteiras
Uns, e almas nobres outros, e altaneiras,
Parecieis, aos ventos successivos.

Colmos, choraveis, tremulos, lambendo
O chão; mas vós, espiques, vós, da terra
Aos céos crescendo, as folhas enristadas,

Luctaveis, dando a ouvir um som tremendo,
Uns rufos de tambor, como na guerra,
Num recruzar de lanças e de espadas.

O SABUGUEIRO DE RAYMUNDO CORRÊA

Esse arbusto feliz, que teve o teu cuidado
E melhor refloriu, quando, escavada um dia
Da raiz lhe tiraste a pedra que a tolhia,
Vive ainda. Lá está no mesmo chão plantado.

Ancião, porém, o caule o tempo lhe ha gretado,
E sente a antiga seiva exhaurir-lhe, á porfia,
Bracejando, feraz, a prole verde e esguia,
Em graceis rebentões a exuberar-lhe ao lado.

Vi a planta e pensei, meu piedoso Raymundo,
Que uma pedra tambem os teus membros franzinos
Ora constrange e esmaga em torrão extrangeiro.

Não poder afastal-a alguem, para que ao mundo
Resurjas com o fulgor e a pompa de teus hymnos,
Reflorido e vivaz, como o teu sabugueiro!

1913.

IRONIA

De cima a baixo a lamina brilhante
Da vidraça estalou. E o vidro, agora
Fendido ao meio, espia o céo cá fóra,
Com o olhar partido em dois, pisco, hesitante...

Não sei o que secreto e lancinante
Alli se esconde, — alma talvez que chora
E num esgar se estorce afflicta, embora
A serena apparencia do semblante.

Brinca-lhe o sol á face, a aura lhe adeja,
E o vidro, sem que alguem lhe ouça um gemido
Ou o soffrer recondito lhe veja,

Mudo, ironico, frio e incomprehendido,
Cortando anavalhado a luz que o beija,
Parece estar-se a rir de estar ferido.

FLORESCENCIA

Envolveu a montanha em nuvem negra o rosto
E chorou... Dôr de ser tão só, sendo tamanha?
(Quem sabe o teu soffrer, coração de montanha!)
Era ao morno expirar de uma tarde de Agosto.

Num clamor de trovões, logo após de sol-posto,
Horrida a petrea mole em convulsão extranha
Restruge. O céo a esmaga, o raio a insulta e alanha,
Sangra-lhe o dorso escuro, á tempestade exposto.

Mas ao vir a manhã, do alto pincaro á falda,
Outra e nova sorri. Ouro é toda e esmeralda,
Toda é argento e rubis, toda é risonhas côres;

E' que de seu soffrer de longas horas, ella,
Erguendo espiga e espiga, arqueando umbella e umbella,
Cacho e cacho pendendo, havia feito flôres.

FIAPO DE LÃ

Era um fiapo de lã que ia sózinho,
Desprendido de um manto, ao vento leve.
Alguns momentos no ar, incerto, esteve,
Sem saber dos espaços o caminho.

Toma-o, passando, ao bico um passarinho.
(A noite cáe. Sopra a nortada e ha neve.)
Vae voando com o que vôa. Vae. Em breve
Baixa, com asas que baixam, sobre um ninho.

E ao ninho dando e ás pennas almo e suave
Calor, toda humidade enxuga e some,
Em bem o confortar todo é desvelos:

Que aos sem lar e sem pão, — homem ou ave,
Qualquer migalha vil lhes mata a fome,
Qualquer fiapo de lã basta a aquecêl-os.

VÉLAS AO VENTO

I

MASTRO VIAJANTE

De um céo sem manchas sobre um mar sem bruma
Cáe toda a luz do sol. Desferra o panno,
Rangendo, a náo e vae sulcando o oceano,
Fica-lhe atrás — monstruosa cauda — a espuma.

Ermos de espaço e de aguas, sem nenhuma
Outra véla. De pé, no salso plano,
O longo mastro, a interrogar o arcano
Do horizonte infinito, alto se apruma.

Que bom com um dia assim deixar a terra,
Ir-se da vida! e a um sol assim tão puro,
Buscar assim o Além que nos aterra!

Em vez de ir, qual se vae — barco sem rastro,
Dentro de esquife escuro, em mar escuro,
Das ondas á mercê — tombado mastro...

II

BEIJO DE ESPUMA

Desta costa, onde só de toda Natureza
Ha o mar, a praia brava e umas rochas, sem porto
Ou angra a que o levar, fluctuando com o seu morto,
Veio a náo arribar á inhospita aspereza.

Mas ringiu descosida e espedaçou-se, prêsa
Do temporal. Lançado em terra, sem confôrto,
Jaz o naufrago. Ao pé, olha-o penedo absorto.
Resona horrendo o pégo em sua profundeza.

E a agua do mar, a quem, no ultimo ansiar da vida,
Confiou, talvez, o morto um segredo profundo,
Descobrindo-lhe o rosto, entre os limos da fraga,

— "Quero, longe do mundo, á dôr desconhecida
— Lhe diz — preito render, que não conhece o mundo".
E dá-lhe a soluçar o seu beijo de vaga.

III

SONHO DE BARCO

Á prôa do "Albatroz" as aguas mugem.
Quão bello é o mar! ¡E o barco alli parado,
Em covarde inacção desarvorado
Sobre um leito de pedras e salsugem!

— "Vem!" a instigal-o as ondas, ruindo, rugem,
— "Vem!" — impellindo-o, diz-lhe o suão num brado —
Rasga, avançando pelo illimitado,
Teu sudario de limos e ferrugem!"

Mas do veleiro audaz foram-se os dias.
Erra-lhe a alma, entretanto, ao luar divaga,
Sonha entrar longe o golfão das estrellas...

Fervem constellações, como ardentias,
Encarneiram-se as nuvens, — vaga e vaga,
E um largo sôpro do alto lhe enche as vélas...

IV

RECANTO DE PRAIA

Ao fim da praia e ao começar o monte,
Em cujo pico um forte guarda e espia
Aos pés e ao largo as aguas da bahia,
Tendo a cidade a lhe sorrir defronte,

Jaz a enseada, em que o mar chôro de fonte
Antes tem que de vagas, e com a fria
Tarde ou noite de lua tal poesia
Que não ha côr que a pinte ou voz que a conte.

Foi lá — testemunhando-nos extremos,
Só se via uma rêde, um barco, e uns remos,
E a agua que á areia vem, molha-a e se expande...

Foi lá que a vi... Não sei nem ninguem soube
Quanto a amei, e o que é mais, como alli coube
Em tão pequeno espaço amor tão grande.

V

CHÔRO DE VAGAS

Não é de aguas apenas e de ventos,
No rude som, formada a voz do Oceano:
Em seu clamor — ouço um clamor humano,
Em seus lamentos — todos os lamentos.

São de naufragos mil estes accentos,
Estes gemidos, esse aiar insano;
Agarrados a um mastro, ou taboa, ou panno,
Vejo-os varridos de tufões violentos;

Vejo-os, na escuridão da noite, afflictos,
Bracejando, ou já mortos e debruços,
Largados das marés, em ermas plagas...

Ah! que são delles estes surdos gritos,
Este rumor de preces e soluços
E o chôro de saudade destas vagas!

ANGELITA

Sentas-te ao pé de mim, porque é preciso
Alguem á minha solidão de agora,
Que se defrontem lagrima e sorriso,
Meu pôr de sol e teu nascer de aurora.

Banha-se de um fulgor de paraizo,
Só com te vêr, a vida e se melhora,
O chão de urzes e pedras, em que piso,
De musgo e lirios se atapeta e inflora.

O ar circumstante cheira a altar em festa,
E inda ao partires, entre leda e mesta,
Quando da minha a tua mão descasas,

Fica-me dentro da alma extenso e doce
Rastro de sol e azul, como se fosse
O pollen de ouro e anil de tuas asas.

A PRECE DA LUA

Do ethereo azul da noite a luz da lua
Cáe sobre a casa agora abandonada;
Espreita: erma a varanda, erma e calada
A sala. Desce-lhe a parede núa...

Um por um desce-lhe os degráos da escada,
Busca o jardim: scisma, talvez, fluctúa...
Segue depois por larga e extensa rua,
Entra depois dos mortos a morada.

Ahi, entre outras, fria lousa alveja,
Um nome de mulher e a breve e triste
Vida a lembrar-lhe, ha uma inscripção singela.

Sobre o marmore a lua o nome beija
E a sós, com o anjo de pedra que lhe assiste,
Fica-se em extase a rezar por ella.

AGUA LUSTRAL

Ha no pincaro azul da serrania,
Ao pé das nuvens, uma fonte pura,
Onde, antes de subir do céo á altura,
E' costume banhar-se a nevoa fria.

Sáe então, como sáe a luz do dia,
Limpida e núa; eleva-se e mistura
Dos transparentes ares á brancura
A brancura impolluta e fugidia.

Assim tambem, quando o fatal momento
Te chegue, ó alma, de mais alta e bella
Região buscares, na ascenção extranha,

Sejam-te preces e arrependimento
Agua em que os erros laves, como aquella
Em que se lava a nevoa da montanha.

O LIVRO DO CÉO

Livros, em que minh'alma dessedento
Na avidez de saber, que a pena e inflamma,
Cerrae-vos, que outro livro me reclama
Empregue nelle agora o pensamento.

Esse é lá fóra aberto o firmamento,
Em que ora a noite sombra e luar derrama.
Suas eternas paginas de chamma
E escuridão vou meditar attento.

A luz, que em vós deslumbra, e move a espanto,
Na fonte de onde nasce, no infinito,
Resplandecendo em sóes, deixae-me ir vêl-a,

Lendo o poema da mão de Deus escripto,
Onde, em concerto, é cada esphera um canto,
E é uma estrophe de fogo cada estrella.

LYRA QUEBRADA

Tomando-a onde a deixei dependurada ao vento,
Sinto não ser mais esta a lyra de outros dias,
Em que sómente a amôr votado o pensamento,
Livre e acaso feliz, a descantar me ouvias.

Quebrada vem. Rouqueja apenas um lamento,
As rosas com que, ó Musa, inda ha pouco a vestias,
Fanam-se nos festões, soltam-se em desalento,
Vão-se. Ironia ou dôr crispa-lhe as cordas frias.

Mas inda assim lhe escuto um resquicio de notas
Perpassar e gemer; corre-lhe as fibras rotas
O phantasma do som que a alma um dia lhe encheu:

Como de um velho sino o bronze espedaçado
Guarda em cada fragmento o fragmento de um brado,
O echo de um hymno, a voz de um canto que morreu...

ALTO DE SERRA

I

MANHÃ

Effunde a urna de Aquario a espaços o chuveiro
Que as flôres lava, os brotos abre, o ar purifica.
Bebo-te, ó sazão forte, a seiva agreste e rica
Neste cheiro de chão de serra, que é o teu cheiro.

Já seu nevado véo de rendas o espinheiro
Sólta; do ingá polpudo a arvore fructifica;
No alveo de areia e pedra e piscas de ouro e mica
Fartas rolam cantando as aguas do ribeiro.

Um dia novo a tudo acaricia e banha.
Que bom fôra já ter morrido, para agora
Vêr-me esparso em crystaes, folhas, effluvios, lumes!

Para sorrir no sol que doura esta montanha!
Para chorar no tom com que este rio chora!
Para elevar-me aos céos em nevoas e perfumes!

II

DECLINIO

Tarde outonal que assim desmaias lentamente,
— Flôr de fogo a murchar em morosa agonia,
Nesse fundo de céo longinquo, do meu dia
Grande como o teu sol, vejo a camara ardente.

Fumam os cirios, tolda o incenso o ar transparente,
O ouro do catafalco entreluz e irradia.
Zenith, auge, fulgor de pleno azul, Poesia,
Gloria, alturas, adeus! Tudo agora é Poente.

Quem, no abysmal descenso á tua occidua tumba,
Entre serras e mar, o clarão que se acaba,
Tarde, reavivará? Quem te ampara e soccorre?

Ha uns trons de funeral no trovão que retumba,
Neste ruir de arrebóes ha um sonho que desaba,
Neste offêgo da luz ha um coração que morre.

III

ALTA NOITE

Grandes céos estes para os grandes pensamentos
Nelles soltar num vôo as asas, á vontade,
Na ansia e sofreguidão de espaço e liberdade!
Grandes céos estes para abafados tormentos

Nelles a alma esquecer! grandes para os violentos
Embates da paixão, grandes para a saudade
Ir-se, e o amor que a gerou, como com a tempestade
As nuvens em bulcões açoitadas dos ventos.

Grandes céos estes para, em vindo o instante amargo
E ultimo, o coração ahi fazer-se ao largo!
Grandes céos, grandes céos que a apregoar estão:

Oh! o immenso! O de tão vasto em si mesmo perdido!
O sem principio e fim! o Ignoto! o Incomprehendido!
Tudo e um! Deus ou tudo! Amplidão! Amplidão!

NOTA

Os versos de "Ramo de arvore", ultima parte desta collecção, appareceram pela primeira vez em 1922, enfeixados em volume de 72 paginas (Typographia do "Annuario do Brasil", Rio de Janeiro). A edição constou apenas de 160 exemplares e não foi posta á venda.

INDICE

CAMARA ARDENTE

I:

RAMO DE ARVORE

N. 2.099 — Off. Graphicas da Livraria Francisco Alves